

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA

— conexão —

Literatura

Agosto / 2018

nº 38

**ENTREVISTAS COM ESCRITORES
DICAS DE LIVROS
RESENHAS
CONTOS
E MUITO MAIS...**

www.revistaconexaoliteratura.com.br



CONFIRA:
NOVAS DICAS DE LIVROS NA
“LIVRARIA CONEXÃO LITERATURA”

**FEITA POR LEITORES
PARA LEITORES**

SUMÁRIO

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 04
Resenha do livro "Eu Sozinha", da autora Marina Colasanti, por Eudes Cruz, pág. 05
Brigadeiros Literários: entrevista com Ana Neves, pág. 09
Resenha da série "LukeCage", da NetFlix, por Rafael Botter, pág. 15
Livraria Conexão Literatura (Sugestões de livros), págs. 18 e 19
Crônica: "Um conto qualquer", por Emerson Sarmiento, pág. 21
Poemas de Ajomar Santos: págs. 23 a 26
Estudo: O Mito de Sísifo Revisitado, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 28
Entrevista com o autor Neurivan Sousa, pág. 36
Entrevista com a autora Carmem Aparecida Gomes, pág. 41
Entrevista com o autor Fabio Prumo, pág. 44
Entrevista com o autor Wagner Azevedo, pág. 48
Entrevista com o autor Ricardo Dias de Oliveira, pág. 52
Conto: "A Ária das Górgones", por João Gomes Moreira, pág. 56
Conto: "A Nuvem e o Vento", por Roberto Schima, pág. 66
Conto: "Corpo Seco", por Míriam Santiago, pág. 72
Saiba como participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 76

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor Geral - ademirpascale@gmail.com

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Rafael Botter - Colunista/Colaborador - (Resenha da pág. 15)

Eudes Cruz - Colunista/Colaborador - (Resenha da pág. 05)

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Capa: Ademir Pascale.

Patrocinam esta edição:

Míriam Santiago - Roberto Schima - Editora Penalux - Drago Editorial

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: pascale@cranik.com ou ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor Geral



Chegou o mês de agosto e trazemos em primeira mão uma edição recheada com entrevistas, contos e resenhas, além de super dicas de livros na Livraria Conexão Literatura. Trabalhamos o mês inteiro para que sempre no dia 1º de cada mês, o leitor possa baixar a sua edição. Esse trabalho consiste em muita organização e dedicação, pois são diversas informações inseridas em nossas páginas. Além disso, estamos atualizando diariamente o nosso site (www.revistaconexaoliteratura.com.br), trazendo sempre as melhores informações sobre o mundo da literatura.

Trabalhamos em prol de um Brasil melhor, pois sabemos que nada acontece sem informação e educação. Pessoas que sempre leem são críticas, formadoras de opiniões e enxergam além dos horizontes. Porém, para continuarmos com nosso trabalho e sempre pontuais, procuramos patrocinadores que desejem destacar seus nomes ao nosso trabalho. Editoras, livrarias ou autores que queiram saber mais, é só entrarem em contato: ademirpascale@gmail.com.



Para baixar nossas edições anteriores, acesse a página:
<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

Ademir Pascale

Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar. Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Já publicou contos no Brasil, França, Portugal e México. Autor dos romances “O Desejo de Lilith”, “Caçadores de Demônios” e “Crossroads – Quando os destinos se cruzam”. Atualmente trabalha em seu novo romance. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas, heróis da Marvel, DC e HQs. E-mail: ademirpascale@gmail.com



conexão Literatura

Nossos Parceiros:

clique sobre os links

www.livrodestaque.com.br

poesiaqueencantavida.blogspot.com.br

travelingbetweenpages.blogspot.com.br

www.tatianecdesouza.com.br

dailyofbooks.blogspot.com.br

meupassaporteliterario.blogspot.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

entrelinhasdirecionadas.blogspot.pt

deusa1000.wixsite.com/leituracomcafe

www.facebook.com/groups/complexo.tuthor

www.encantoliterario.com.br

www.dear-book.net

www.sugestoesdelivros.com

literaturaporamor1.blogspot.com.br

Grupo: Curtindo e lendo livros adoidado

suka-p.blogspot.com.br

Grupo: Livro Destaque

blogjovensescritores.wixsite.com/escritores

dose-of-poetry.blogspot.com.br

www.facebook.com/jornaltuthor

coleccionadoromances.blogspot.com.br

ateultima pagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

osretratosdamente.blogspot.com

www.estantedowilson.com.br

miriammorganuns.blogspot.com.br

www.livreando.com.br

cinecurtaa.blogspot.com.br

lendocomdaniel.blogspot.com

www.cafeinaliteraria.com.br

www.sonhandoatravesdepalavras.com.br

viajandonosslivross.blogspot.com.br

www.salaliteraria.com.br

www.cinderelasliterarias.com

esoportunovagao.blogspot.com.br

www.literagindo.com.br

leiturasdaketellyn.blogspot.com.br

www.facebook.com/tuthorRPG

contaseumlivro.blogspot.com.br

stelivros.wordpress.com

Curta nossa Fanpage: 

www.facebook.com/conexaoliteratura

[resenha]



Eu Sozinha

Marina Colasanti

Por Eudes Cruz

Solidão é um tema que permeia a vida do ser humano. A solidão, na obra objeto da resenha, é apresentada pelo escrever sozinho na madrugada, pelos ruídos que se ouve advindos de outros apartamentos, pelo desejo de um escritório em que as coisas permaneçam no lugar “sem que ninguém toque em nada” e presente em tantos outros aspectos que nos são narrados pela autora.

Eu Sozinha, livro de Marina Colasanti, é o primeiro da escritora, escrito quando ela tinha vinte e seis anos de idade e atuava como redatora e cronista do Jornal do Brasil. No prólogo a esta nova edição, publicada pela Global Editora em 2018, Marina frisa que os textos do livro não são crônicas, como outrora a crítica definiu, possivelmente pela sua carreira como cronista. O livro se divide em capítulos pares que falam de momentos

presentes e ímpares que carregam aspectos autobiográficos.

“O que desejava, através dessa estrutura, era mostrar que a solidão se constrói desde o início, estejamos ou não acompanhados, e que desde o início nos acompanha.” – Cita a autora em determinada passagem da obra.

A publicação original do livro ocorreu em 1968, ano em que Marina Colasanti conseguiu uma editora que aceitou publicá-lo, após cinco anos de busca no mercado editorial.

A solidão, que é o foco da autora, está em tudo que aparece nos textos, que parecem isolados, mas que percorrem uma linha e dão unicidade ao todo. Dá a plena convicção de que foi um livro planejado, medido, calculado, com textos que se encaixam, que se complementam, que se contrapõe e que dão coerência ao discurso. Não estão ali para contar uma história, mas para tratar de um tema humano com o olhar aguçado de uma escritora que percebe a solidão presente em tudo, em todos, em vários e distintos momentos. A solidão

está na descrição dos imóveis (de agora e de outrora), na penumbra de cômodos, na retirada de uma fotografia, na viagem que segue a determinação do comércio internacional, na chegada da noite, no sono.

“A luz artificial, sabe-se, tem muitas vantagens. Dosagem precisa, intensidade inalterável, temperatura constante. Não se movimenta pelas paredes denunciando o passar do tempo, não se abafa em prenúncio de chuva, não sangra ao crepúsculo. Evita assim nos seres humanos a vaga ansiedade, apelo, desejo de voo diante de um céu aberto. A luz artificial acende-se ao entrar, apaga-se ao sair. Seu consumo é controlado.”

Os textos de *Eu Sozinha* são curtos, mas profundos. Conseguem tocar o leitor e fazer com que pensemos nesse estado de solidão. A solidão sentida e vivida mesmo quando se está acompanhado. Para Marina Colasanti, a solidão se transformou em palavras, que viraram frases, que se transformaram em textos que deram origem a um livro.

A escrita é impecável. Percebemos também um olhar

arguto de quem vê sutilezas e que brilhantemente transpõe para o papel. Não apenas como uma descrição meramente informativa sobre acontecimentos ou sensações, mas que vai além disso. Transporta o leitor para dentro

do texto, chamando-o a vivenciar a solidão.

É possível ler o livro num único fôlego. E não será difícil, pois a forma e o estilo de Marina nos conduzem com fluidez e encanto.

Sobre a autora:

Marina Colasanti nasceu em Asmara, na Eritreia, viveu em Trípoli, percorreu a Itália em constantes mudanças e estabeleceu-se no Brasil, em 1948. Sua carreira literária teve início com o livro *Eu Sozinha*, datado de 1968. Tem mais de cinquenta títulos publicados, de poesia, crônicas e contos para crianças, jovens e adultos. Entre vários prêmios, ganhou seis Jabutis e o Livro do Ano por Ana Z. *Aonde vai você?*, além de premiações da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e da Biblioteca Nacional. Jornalista, foi publicitária e apresentadora de televisão. Pintora e gravadora de formação, costuma ilustrar boa parte de seus textos.

Ficha Técnica:
Título: <i>Eu Sozinha</i>
Escritor: Marina Colasanti
Editora: Global
Edição: 2ª
ISBN: 978-85-260-2392-5
Número de Páginas: 112
Ano: 2018
Assunto: Literatura brasileira

Eudes Cruz é paulistano. Gestor de processos atuou como coordenador de desenvolvimento de produtos. É apaixonado por livros desde a infância e se aventura por todos os gêneros literários, embora tenha predileção por suspense, terror e policial. Adora animais e reside na capital paulista. Blog: tomoliterario.blogspot.com.br. E-mail: tomoliterario@gmail.com.

Campanha no Catarse:

Mil Mortes & Outras Histórias, publicação inédita no Brasil que reúne quatro histórias de Jack London (Editora Penalux)



mil mortes & outras histórias

Coletânea de contos
inédita no Brasil.

*Ficção científica. Sobrenatural.
Um **Jack London** que poucos
conhecem.*

O PROJETO

A Editora Penalux vem investindo em traduções de livros que estão fora dos catálogos das editoras há décadas e também em publicações inéditas no mercado editorial brasileiro, como foi o caso, em 2016, da obra *O Grande Deus Pã*, novela do escritor galês Arthur Machen; e, em 2017, da coletânea de contos *Assovie que virei*: histórias de fantasmas, do inglês M. R. James.

Agora, a editora empreende este novo projeto: uma coletânea inédita de contos do norte-americano Jack London (1876-1916), autor de livros que influenciaram gerações de escritores, como *Caninos Brancos*, *O Lobo do Mar* e *O Grito da Selva*.

[CLIQUE AQUI]

Brigadeiros Literários



Ana Neves é natural de porto Alegre-RS, residindo no Rio de Janeiro desde 2014. Filha de pai músico, e sua mãe, uma mulher que amava as pessoas e levava alegria a elas. Assim, Ana sempre viveu em um ambiente criativo e artístico. Estudou Teatro na UFRGS e com o Grupo ói nós aqui Traveiz, entre diversas outras instituições. Hoje, trabalha com os Brigadeiros Literários e é integrante do Show MINHA MPB MORDE- Música e Aforismos Desaforados, de autoria de Fabrício Fortes. A herança de carregar um pouco de seus pais, e mais um tanto de cada pessoa que conhece, com as quais aprende todos os dias é o que a constrói.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores

como surgiu a ideia dos Brigadeiros Literários?

Ana Neves: E vem textão! Cheguei do Sul para morar no Rio de Janeiro, um primo me hospedou em sua casa, no bairro da Urca. Vim com a tarefa de em quinze dias conseguir moradia. Meu companheiro e uma amiga, já com passagem comprada, viriam após esses quinze dias. Quando estava já há dez dias na casa do meu primo, percebi que tinha só uma nota de R\$ 50,00 na carteira e ainda sem a moradia garantida. Fiquei apavorada e pensei no que sabia fazer para vender. Uma amiga tinha vindo de Volta Redonda para me ajudar na busca por moradia e nesse mesmo dia, ela me contou sobre uma receita que havia feito em casa e que tinha ficado maravilhosa “Brigadeiros de Café”. O interessante dessa história é que ela pensou ser uma colega do trabalho que havia lhe dado a receita, mas quando foi agradecer, não havia sido a colega, nem ninguém, então brincamos que essa receita veio do além e que se eu tinha ficado sabendo, era ela que iria me salvar. Fui no mesmo dia ao mercado, comprei 2 latas de leite

condensado e os demais ingredientes e fiz os 2 primeiros sabores, café com cacau e coco e café com cacau e castanha de caju. E aí, tinha que ter algo mais. Esse algo mais tinha que encantar as pessoas. A escolha foi a poesia. Comecei com algumas frases do Profeta Gentileza, um personagem cativante e misterioso para mim e nomeei o empreendimento de Gents Brigadeiros. Saí no dia seguinte para vender e vendi TODOS. Comprei mais ingredientes e vendi o DOBRO no dia seguinte. Então, fui vender na Faculdade de Artes da UFRJ da Praia Vermelha, lá conheci um secretário, conversamos por horas. Ele indicou para um trabalho em Xerém, com poesia, teatro e música, no mês seguinte, juntando meu trabalho, de meu companheiro e da amiga que estava vindo, aí pensei que poderia já ir divulgando os trabalhos do meu companheiro, que é compositor, músico e escritor e da amiga que estava vindo, que é poeta e jornalista. Falei com eles e eles fizeram



uma seleção de citações de poemas e letras de canções deles e meu companheiro, rebatizou os **Gentis Brigadeiros de Brigadeiros Literários**.

Conexão Literatura: Quem seleciona as citações dos escritores para os Brigadeiros Literários?

Ana Neves: Os escritores selecionam em torno de dez citações que gostariam que fossem divulgadas através dos **Brigadeiros Literários** e dessas dez ficam em torno de cinco, mas pode ser um pouquinho mais ou menos, vai depender do

tamanho das mesmas na organização da diagramação e a segunda sugestão (gosto de chamar assim porque isso não é fechado, é debatido com os escritores) é feita por mim e meu companheiro, **Fabício Fortes**, depois repasso de volta aos escritores para saber se estão de acordo com a escolha. Se estiverem de acordo, são traduzidas para inglês e espanhol, uma professora formada em letras pela UFF, **Matilde Massai Poiqui**, faz a revisão e enviamos de volta aos poetas para ver se eles concordam também com as traduções.

Conexão Literatura: E quem produz e vende os brigadeiros?

Ana Neves: A produção dos brigadeiros sou eu quem faço, assim como a venda diariamente nas ruas, as embalagens é o meu companheiro

quem produz. A venda em eventos, nós dois nos revezamos.

Já tivemos um amigo vendendo nas ruas, o Felipe Magnus, que hoje faz as artes, as

diagramações, contribui com suas poesias e também é tradutor para o inglês e a amiga Letícia Santos, que também vendeu e foi animadora de redes.

Conexão Literatura: Quanto custa um Brigadeiro Literário?

Ana Neves: R\$ 4,00.

Conexão Literatura: Além de brigadeiros, vocês também produzem outros doces?

Ana Neves: Somente docinhos de festa, sem as poesias (pequeninhos por encomenda)



Conexão Literatura: Em quais eventos vocês participaram recentemente?

Ana Neves: Sinap.Se, FLUP, 12 anos do Sarau Ratos Di Versos, SESC

Ramos, Sarau Fxidas e Monstrxs e Festa Mostra, Sarau Terça ConVerso, Sarau Pólem, Arte Instantes, Mostra de cenas Autorais e Independentes.

Conexão Literatura: E como os interessados poderão saber mais sobre os Brigadeiros Literários ou contratá-los para eventos?



Ana Neves: Ahã! Através da página do facebook (<https://www.facebook.com/brigadeirosliterarios>) e através do Whatsapp (21) 966862218, com Ana Neves

Perguntas rápidas:

Um livro: O livro das emoções, Reflexões inspiradas na psicologia do Budismo Tibetano, de Bel Cesar

Um (a) autor (a): Roberto Piva

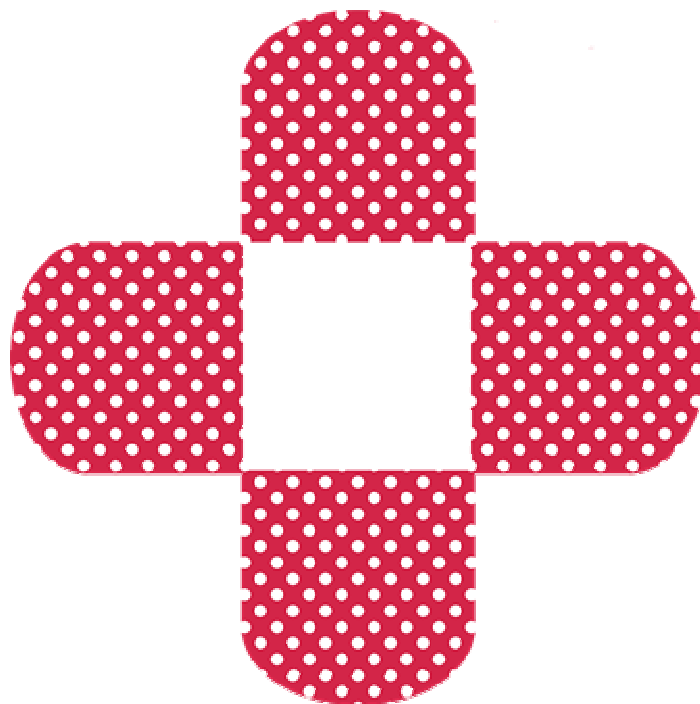
Um ator ou atriz: Bibi Ferreira

Um filme: Instinto, de Jon Turteltab.

Um dia especial: Todos são.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ana Neves: Quero agradecer a todos os envolvidos nesse projeto, cada um que tem a humildade de compartilhar suas habilidades de si aos outros. Aos clientes e amigos que acreditam que o que queremos levar até eles é magia e à Revista Conexão Literatura, que fez esse convite lindo, contribuindo, dando visibilidade ao nosso trabalho, levando essa ideia para quem ainda não conhece. Gratidão!



Para saber mais, acesse: www.facebook.com/brigadeirosliterarios

LIMBOGRAPHIA

por Roberto Schima



Vinte contos de ficção científica e fantasia em sua maior parte, entre os quais a história "Como a Neve de Maio", vencedora do Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record).

Olhe lá fora. A noite caiu e as estrelas continuam a brilhar no céu como antigamente, embora já não tão nítidas. Aparentam estar ao alcance de nossas mãos. Está vendo?

Existe o silêncio. Existe o mistério.

Existe o sonho.

Respiremos fundo o ar frio e úmido:

Fechemos bem os olhos e, com toda a paixão...

Ergamos os braços.

Roberto Schima

Nasceu na cidade de São Paulo/SP em 01/02/1961. É neto de japoneses, por mais que o seu sobrenome pareça alemão. Faz ilustrações, escreve contos e, ocasionalmente, crônicas. Vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela extinta "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio". Escreveu os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "A Voz do Oceano" (noveleta), entre outros. Autor do conto "Abismo do Tempo", um dos vencedores do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista Conexão Literatura e publicado em sua edição nº 37, de Julho de 2018.

Informações: Google e sites do gênero.

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br



Para obter o livro (edição em papel - com ou sem capa dura - ou digital):

<https://www.clubedeautores.com.br>

<https://www.agbook.com.br>

2ª Temporada



Depois que um experimento sabotado ter deixado Luke Cage com uma super-força e pele indestrutível, ele se torna um fugitivo que tenta reconstruir a vida no Harlem, bairro de Nova York. Mas logo ele é forçado a sair das sombras e lutar pela sua cidade, bem como confrontar o passado do qual tentou fugir e assumir a identidade de herói.

Impressões:

Saudações literárias, queridos leitores da Revista Conexão Literatura. Como vocês estão? Espero que bem. Vamos para mais uma edição e não podemos deixar de mandar aquela dica de série/filmes da nossa querida Netflix. A série escolhida é a segunda temporada de Luke Cage. Bora falar um pouco mais? Bora!

O início da segunda temporada tem um Luke Cage mais “pop-

star” no Harlem, ele é visto como uma celebridade entre seus amigos, conhecidos e moradores do bairro por conta da sua contribuição em combater o crime e gangues da região.

É inevitável acompanhar outra série da própria Netflix para fazer um gancho com a segunda temporada de Luke, pois muitos fatos, personagens e situações são decorrentes de “Os Defensores”.

Percebemos uma temporada mais homogênea, estruturada e com tom mais bem definido e plano. O roteiro seguiu em dois ritmos, a seriedade e o bom humor de Luke Cage, esses dois caminhos conseguiram fazer uma boa junção, claro que temos aquela pancadaria e cenas de ação pelo caminho.

O universo Luke Cage traz um novo vilão, nada comparado ao Cascavel e sim um vilão mais “gente boa”, conhecido como Bushmaster, um tanto exagerado e ao mesmo tempo caricato, ame

ou odeie. O vilão utiliza de um esteroide natural, cuja finalidade faz dele ter um super poder igual de Luke.

Mariah Dillard é outra personagem de forte impacto na segunda temporada, além de ser uma pedra no sapato de Luke Cage, pois vamos presenciar uma disputa por territórios no Harlem, além de conflitos entre gangues e claro, muita pancadaria e tiroteio.

No ponto de vista geral, essa segunda temporada poderia ser um pouco mais reduzida, foi um exagero desenrolar tudo em 13 episódios, existe uma certa enrolação em determinados episódios que causa desgaste para os espectadores. Creio que metade dos episódios cairiam de forma dinâmica e intuitiva, mas vai entender os produtores, né?

Espero que vocês tenham gostado da nossa dica, não deixem de curtir, compartilhar e comentar nossa edição de agosto. Até mais!

Rafael Botter vive em Ibitinga (São Paulo). Escreve para o blog Livreando: <http://www.livreando.com.br> e Traveling Between Pages: <http://travelingbetweenpages.blogspot.com.br>. E-mail: botter.rafael@gmail.com.



PUBLIQUE CONOSCO!



Valorizamos o
Autor NACIONAL

www.dragoeditorial.com

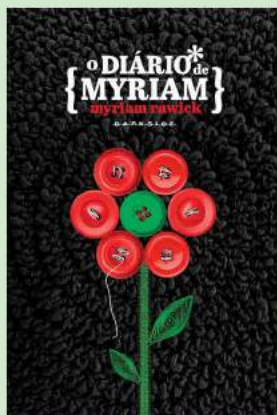
“Porque todos têm uma
história pra contar”

LIVRARIA CONEXÃO LITERATURA



Crimes de Festim: Ensaaios sobre
Agatha Christie
Jean Pierre Chauvin

Acesse



O Diário de Myriam
Myriam Rawick

Acesse



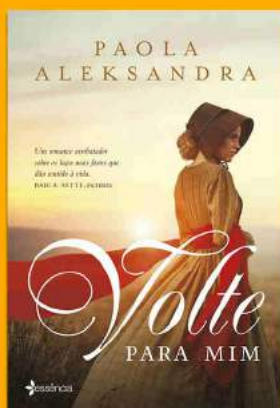
Imaginário Coletivo
Wesley Rodrigues

Acesse



Dom Casmurro
Machado de Assis

Acesse



Volte para mim
Paola Aleksandra

Acesse



Amanhã quero ser vento
Michel Yakini

Acesse

“Escolha uma pessoa que olhe você
com magia.”
– Frida Kahlo

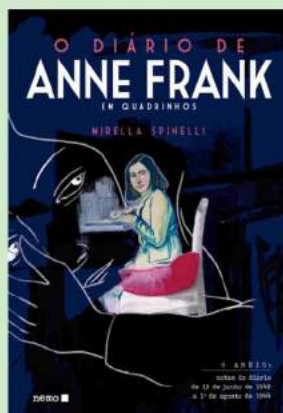
Destaque o seu livro nesta página por R\$ 20,00
em nossa próxima edição, escreva para:
ademirpascale@gmail.com





Para uma vida saudável
Donizete Pinheiro

Acesse



O Diário de Anne Frank
(em quadrinhos)

Acesse



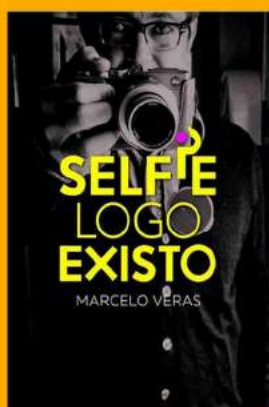
Lute como uma garota
Laura Barcella e Fernanda Lopes

Acesse



E se eu fosse outros?
Sidney Bretanha

Acesse



Selfie logo existo
Marcelo Veras

Acesse



Narrativas do Medo 2
Vários autores

Acesse

“O conteúdo de um livro guarda o poder da educação e é com esse poder que conseguimos moldar o futuro e mudar vidas.”
- Malala Yousafzai

Destaque o seu livro nesta página por R\$ 20,00
em nossa próxima edição, escreva para:
ademirpascalle@gmail.com





**ANUNCIE NA REVISTA
CONEXÃO LITERATURA**

CLIQUE AQUI

Um conto qualquer

por Emerson Sarmiento

Sorridente o pequeno jovem pede alguns contos aos transeuntes, no calor da metrópole, indiferentes aos lamentos dos fantasmas famintos que estendem as mãos de esperanças, mas ninguém gasta tempo com misericórdia.

Recife não acredita em fantasmas ou na poluição do Capibaribe. Um sofá segue apático na correnteza tal qual

um estômago que faz eco. Moradia de pombos imaginários que habitam um silêncio desconfortável.

Aqui se brinca de roleta russa, assalto seguido de morte só em Paris. Um pequeno detalhe existente pras bandas do primeiro mundo. Aqui os ponteiros se movem à lenha e, às vezes, falta até fogo. Já tentamos,

inclusive, ser gauche na Europa, mas o custo é alto.

Ninguém notou, mas à noite em nossas arquiteturas abandonadas existem morcegos góticos que bebem vinho barato em raves particulares. Isso é muito pós-moderno, fantasmagórico. Revelia ao atual momento, mas ainda estamos no passado.

Gilberto Freyre, coitado, morreu sem saber o que era uma cidade assombrada cujo povo só acredita no que encanta suas retinas de cristais brutos.

O garoto segue rindo. Felicidade não dá dinheiro. O tempo dispara na bolsa de valores.

O garoto não desiste.

Insiste em tentar assombrar...

– Tem qualquer conto pra me dar?

Talvez julguem loucura falar sozinho ou, quem sabe, expor, em público, minha desconhecida mediunidade para que seja julgada como uma insensatez infausta da minha razão diante daqueles olhos juízes da loucura alheia [...]

[...]Perguntei:

– Garoto, por que rires da desgraçada própria?

– Não, doutô! a gente sorri porque cara feia, pra eles, não é fome!

Natural de Recife, o poeta e cantautor **Emerson Sarmiento** ganhou em 2011 o Festival de Música Carnavalesca do Recife, época em que marcou presença no FIG e outros festivais locais. Com a poesia, concorreu ao Prêmio SESC de literatura, Recitata e, também, participou da edição Pasárgada doc.2017. Na Era do Orkut ganhou quatro concursos nacionais promovidos pelas comunidades literárias. Já foi homenageado num sarau em Natal durante o qual seus poemas foram lidos por poetas locais. Em 2012, lançou seu primeiro livro Perfume do Sangue pela editora Moinhos de Vento e em 2016 publicou pela Editora Penalux sua segunda obra Cromossonhos.

Apenas por Ajomar Santos com um olhar

Eu descobri que você gosta de mim,
E que tem o desejo sublime de me amar,
Suspira ofegante toda vez que me ver
E até segredos tem para me contar,
Mas para que servem as palavras?
Se nos entendemos apenas com um olhar...

Quando estamos juntos um do outro
Sei que temos tanta coisa para falar,
Nossos olhos ficam extasiados de paixão,
Nossas bocas só pensam em beijar,
Mas para que servem as palavras?
Se nos entendemos apenas com um olhar...

Meu coração guarda mistérios e segredos
Que algum dia poderei te contar,
Sei que há uma infinidade de frases belas,
E algumas existem apenas para machucar,
Mas para que servem as palavras?
Se nos entendemos apenas com um olhar...

Minha paixão por você

por Ajomar Santos

Minha paixão por você
Não é coisa passageira,
Daquela sem importância
Que o próprio destino ignora.
É como um furacão que arrasa uma praia,
Que destrói uma cidade, depois vai embora...

Minha paixão por você
É tão grande
Que deixa meus olhos cheios d'água,
É tanto felicidade quanto mágoa.
É como uma avalanche devastadora
Que desce do Monte Aconcágua...

Minha paixão por você
Em meu coração desatina
A cada segundo da minha sina.
É como uma bomba atômica.
Não sei se daquela que destruiu Nagasaki,
Ou daquela que arrasou Hiroshima...

Segredo

por Ajomar Santos

Meu amor por ti poderá ser eterno,
Mas duvido que seja segredo
Por muito tempo,
Porque todas as palavras da notícia
Já foram espalhadas pelo vento...

Meus olhos enlouquecidos admiram
A simplicidade do teu encanto,
Vivem à distância do teu sorriso,
E em segredo, entorpecidos de pranto...

Peço-te apenas que perdoe
Este meu coração maluco e atrevido,
Quando, por ventura, a notícia triste
Chegar, tardiamente, ao seu ouvido...

Fidelidade

por Ajomar Santos

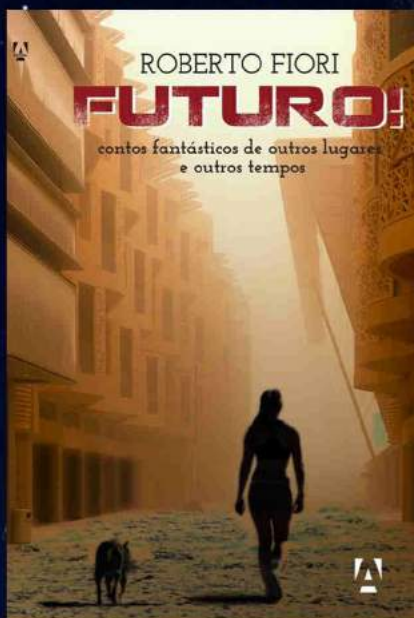
De que adianta eu querer
Abrigar-me nos braços de outro alguém?
Se eu não consigo te deixar
Nem por um segundo,
Você é tudo que eu mais quero,
Meu sentimento mais sincero,
Não te troco por ninguém neste mundo...

Você é felicidade,
É fidelidade,
Sublime sinceridade,
Doce saudade,
Pura realidade
E meu sentimento mais profundo...

AJOMAR SANTOS nasceu em Recife-Pernambuco, no dia 26 de Outubro de 1966, estudou o ensino fundamental I e II na Escola Eleanor Roosevelt (de 1975 a 1981) e o ensino médio na Escola Santos Dumont (de 1982 a 1985). Ele despertou seu interesse pela literatura quando cursava a 5ª série, época na qual após algumas aulas de português começou a compor os seus primeiros versos.

autor dos livros: Heróis e Vilões (romance policial), Da água para o vinho (poesia), Meu amor por uma rosa (poesia) e Corações amotinados (poesia).





**CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES**

Uma obra do autor Roberto Fiori

para adquirir
[clique aqui]



O Mito de Sísifo Revisitado

por Gilmar Duarte Rocha

De todas as correntes da filosofia, desde os tempos pré-socráticos, o existencialismo é a escola que mais expôs questões que continuam gravitando e desafiando os pensadores até os dias atuais. Kierkegaard, no início do século XIX, assombrou os acadêmicos quando pautou que o indivíduo é o único responsável por dar sentido a sua própria vida e que deve viver da

melhor forma que lhe aprouver, não obstante os obstáculos que ele se depara como a ansiedade, o absurdo, a alienação e a lassidão.

Filósofos que o sucederam, como Nietzsche e Heidegger, apimentaram a temática, especificamente Nietzsche, que pôs na berlinda a questão da existência de um ser divino superior e da ingerência dessa

entidade sobre o destino do homem.

O pós-segunda Guerra Mundial abriu espaço para novos filósofos explorarem o tema e trazerem elementos adicionais à questão do existencialismo. Jean-Paul Sartre (1905-1980) surge com a instigante teoria de que a existência precede a essência, ou seja, só com o ser humano (apenas ele, o humano) primeiro existe, depois se define.

Albert Camus (1913-1960), também francês, contemporâneo, confidente e amigo de Sartre – romperam a amizade em 1952, por divergências ideológicas –, assumiu o existencialismo em toda a sua plenitude construindo obras de profundidade filosófica e psicológica, peças de ficção como *A peste*, *A morte feliz* e *O estrangeiro*, este último uma tradução literal do seu pensamento sobre o absurdo, onde o personagem Mersault comete um assassinato de um árabe, na Argélia, mas é acusado, não apenas pelo ato vil, mas principalmente pela sua absoluta incapacidade de sentir remorso

ou compaixão. Contudo, foi no gênero não-ficção, mais propriamente numa peça de ensaio de curto fôlego, publicada sobre o título *O mito de Sísifo*, que o escritor franco-argelino traz à luz a questão do subjetivismo, da busca do homem pelo sentido da vida, da linha tênue que delimita o suicídio do absurdo, do questionamento eterno da existência e da criação, como “Ou não somos livres e o responsável pelo mal e Deus Todo-Poderoso, ou somos livres e responsáveis, mas Deus não é todo Todo-Poderoso”.

O mito de Sísifo foi publicado em 1942 pela renomada Editora Gallimard, Paris, quase que simultaneamente ao romance *O estrangeiro*. Camus, com toda a sua genialidade, estruturou a obra de maneira invertida, colocando o mote depois da glosa, ou seja, na seção que dá título ao livro e que consubstancia os seus pensamentos, apresenta-se oportuna e inteligentemente no final da obra.

No primeiro capítulo da primeira seção, designada “Um raciocínio absurdo”, logo nas linhas preliminares ele provoca espanto no leitor com a assertiva “Só existe um problema filosófico sério: o suicídio”.

Na sequência ele explica em pormenores o porquê dessa afirmação, tecendo comentários acerca de indivíduos que tiveram todo o motivo do mundo para consecução à ação fatalista, mas acabam declinando de cometer tal ato, e outros que terminam cortando por mãos próprias o tubo de oxigênio que os liga ao sopro da vida por razões meramente fúteis. No remate dessa questão – que ele volta a pôr em cheque em capítulos subsequentes –, Camus diz “é sempre cômodo ser lógico. É quase impossível ser lógico a fundo. Os homens que morrem por suas próprias mãos seguem até o fim a inclinação do seu sentimento. A reflexão sobre o suicídio me dá então a oportunidade de enunciar o único problema que me interessa: há uma lógica que chegue até a morte? Só posso

sabê-lo perseguindo, sem paixão desordenada, com a única luz da evidência, o raciocínio cuja origem indico aqui. É o que chamo de um raciocínio absurdo”.

Quanto ele adentra na seção “muros absurdos”, questiona com muita procedência que grandes obras, grandes ideias da humanidade nascem de um lampejo, na esquina de uma rua, no trespassar de uma porta giratória, no gole desprezioso de uísque numa birosca qualquer. “Absurdo assim”, como analisa Camus. Há ainda a questão da lassidão, da fadiga, do esgotamento, quando o indivíduo de repente se toca que toda a rotina do dia a dia, aquela intensa roda-viva de acordar, fazer o desjejum, pegar o bonde de ida, trabalhar, almoçar, trabalhar, pegar o bonde de volta, jantar, dormir, acordar... tudo isso uma hora cai a ficha e o sujeito fica na extremidade do penhasco da vida, nas palavras do nosso autor “a lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao

mesmo tempo um movimento da consciência. Ela o desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o despertar definitivo. Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento”.

Esse moto contínuo eterno, esse overlooping que Camus nos esfrega na cara sem piedade, é reforçado pela nossa tendência em conviver o presente e viver o futuro, “amanhã faremos”, “mais tarde”, “quando você conseguir uma posição”, “com o tempo vai entender” e o autor arremata cruelmente “estas inconsequências são admiráveis, porque afinal trata-se de morrer”.

Há ainda na seção “muros absurdos”, um inevitável questionamento sobre a morte, tema tratado por quase todos os filósofos, apesar da morte ser o acontecimento humano mais temido e o menos comentado. Camus faz a sua abordagem: “Chego, por fim, à morte e ao sentimento que ela nos provoca. Sobre este ponto já foi dito tudo

e o mais decente é resguardar-se do patético. Mas é sempre surpreendente o fato de que todo mundo viva como se ninguém ‘soubesse’. Isto se dá porque, na realidade, não há experiência da morte”. Não fugindo ao contexto do seu pensamento, ele classifica os belos discursos que fazem sobre a alma, como uma prova dos nove ao contrário, pois o tempo traz a demonstração e a solução sempre vem atrás. “Este lado elementar e definitivo da aventura (vida) é o conteúdo do sentimento absurdo”.

No capítulo “Suicídio filosófico”, o escritor francês retoma o tema suicídio vinculando-o ao absurdo. “Se julgo uma coisa como verdadeira, devo preservá-la. Se me disponho a buscar uma solução para um problema, ao menos não posso escamotear com essa mesma solução um dos termos do problema. O único dado, para mim, é o absurdo. A questão é saber como livrar-se dele e se o suicídio deve ser deduzido desse absurdo”.

Quando ele afirma lucidamente que o absurdo só

tem sentido na medida em que não seja admitido, ele faz em seguida uma inferência que soa como uma estridente trombeta nos nossos ouvidos hermeticamente encerrados: “Existe um fato evidente que parece absolutamente moral: um homem é sempre vítima de suas verdades. Uma vez que as reconhece, não é capaz de se desfazer delas. Precisa pagar um preço. Um homem consciente do absurdo está ligado a ele para sempre. Um homem sem esperança e consciente de sê-lo não pertence mais ao futuro. Isto é normal, como também é normal esforçar-se para escapar do universo que criou”.

Camus é cru e extremamente sincero quando expressa que o homem tem uma tendência a divinizar tudo que o oprime – as moléstias, pragas, calamidades – e encontra razão para ter esperança dentro do que as desguarnece. E segue dando embasamento à essa sua teoria citando os seus mestres Chestov e Kierkegaard.

Em “A liberdade absurda” ele parte do pressuposto de que

não existe o “amanhã”. “Esta é, a partir de então, a razão da minha liberdade profunda. Farei aqui duas comparações. Os místicos encontram uma liberdade para se entregar, abandonando-se aos deuses e aceitando as suas regras, pois elas também se tornam secretamente livres... Mais libertos do que livres... Da mesma forma o homem absurdo, totalmente voltado para a morte... Sente-se desligado de tudo... Saboreia uma liberdade em relação às regras comuns. Da mesma maneira (minha segunda comparação), os escravos da Antiguidade não se pertenciam, mas conheciam a liberdade que consiste em não se sentirem responsáveis”.

Como se percebe, a presente obra de Albert Camus, foi erguida sobre os alicerces da teoria do absurdo e tudo a que ela se cerca. No tópico “O homem absurdo” ele crava no prólogo uma citação da obra “Os possessos”, do também adepto do existencialismo, o russo Fiodor Dostoiévski:

“Se Stravogaine acredita, ele não acredita que acredita.

Se ele não acredita, não acredita que não acredita”.

Camus começa o capítulo citando Goethe “Meu campo é o tempo”, enunciado que ele acredita ser a essência do homem absurdo. Mais adiante ele justifica o homem absurdo como aquele nada faz pelo eterno. “Seguro de sua liberdade com prazo determinado, de sua revolta sem futuro e de sua consciência perecível, prossegue sua aventura no tempo de sua vida. Este é o seu campo, lá está sua ação, que ele subtrai a todo juízo exceto o próprio”.

O escritor consolida a sua obra abordando temas como a síndrome de Dom Juan, onde faz considerações bastantes substantivas sobre o papel do artista perante o tempo. No capítulo “Filosofia e romance”, ele nos presenteia com outro achado filosófico: “... Trata-se apenas de ser fiel à regra do combate. Este pensamento pode ser suficiente para alimentar um espírito: sustentou e sustenta civilizações inteiras. Não se pode

negar a guerra. Não é preciso morrer ou viver. É como o absurdo: trata-se respirar com ele, reconhecer suas lições e encontrar sua carne. Neste sentido, o deleite absurdo por excelência é a criação”.

Há ainda um excerto sobre o personagem Kirilov, da mencionada obra Os possessos, de Dostoiévski, partidário incondicional do suicídio lógico e um outro interessante capítulo intitulado “Criação sem amanhã”, onde ele discorre sobre a importância da perenidade de uma obra artística.

Por fim, após desfilar seções e capítulos de questionamentos, lances geniais de epifania, permuta constante de instruções, sapiências e luzes com titãs da filosofia do passado acerca da existência do indivíduo humano e o seu papel primordial neste mundo, o genial escritor transporta no último veículo alegórico o mote de sua obra – “O mito de Sísifo”.

Para quem ainda não conhece a simbologia desse mito grego, Sísifo (inclusive eu, antes

da leitura do pequeno grande livro de Camus), replico a seguir o primeiro parágrafo do capítulo:

“Os deuses condenaram Sísifo a empurrar uma pedra incessantemente até o alto de uma montanha, de onde tornava a cair por seu próprio peso. Pensaram, com certa razão, que não há castigo mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança”.

Pergunta-se: qual o motivo que levaram o mito grego a “ser o trabalhador inútil dos infernos”? As respostas são diversas de acordo com o contexto onde o tema do “eterno castigado” foi inserido. A mitologia grega dá uma explicação, ou várias explicações, nem sempre lógicas; Homero, na plenitude de sua fértil imaginação, embaralha ainda mais a razão efetiva do castigo imposto ao símbolo heleno. Camus, enfim, tem um representante mitológico a quem imputar a primazia do herói absurdo. Primeiro, pelo suplício irracional ao qual o nosso símbolo é submetido adeternum. Seria aquela pedra, aquele peso

eterno, que nós humanos somos obrigados a alavancar morro acima, do berço à sepultura? Camus vai mais além e diz que é o regresso (quando a pedra rola de volta à base da montanha e Sísifo retorna ao árduo trabalho de galgá-la morro acima outra vez) a parte que mais o interessa. “Um rosto que padece tão perto das pedras já é pedra ele próprio! Vejo esse homem descendo com passos pesados e regulares de volta para o tormento cujo fim não conhecerá... Em cada um desses instantes, quando ele abandona os cumes e mergulha pouco a pouco nas guaridas dos deuses, Sísifo é superior ao seu destino. É mais forte que a sua rocha”.

Como já foi mencionado, Albert Camus publicou esta obra quase que simultaneamente ao romance “O estrangeiro”, em 1942. Há influência evidente do pensamento existencialista tanto no clássico “O estrangeiro”, quanto em “A peste”, “A queda”, “A morte feliz” e outros textos do franco-argelino, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1957.

Para os leitores que já tiveram o privilégio de apreciar “O mito de Sísifo” adianto as escusas se por acaso as minhas considerações e ponderações não conjuguem com as apreciações do leitor, afinal o próprio autor frisa no prelúdio da obra “Mas vale a pena notar, ao mesmo tempo, que o absurdo, encarado até aqui como conclusão, é considerado neste ensaio como ponto de partida”.

Mesmo quem ache a teoria do absurdo um tanto quanto extravagante (como eu penso às vezes), a gente se pergunta qual seria o leitmotiv da vida se nós tivéssemos a certeza de que tudo seria plano, correto; que iríamos caminhar sempre em estradas lisas, sem ranhuras, enfim que o barco da vida iria sempre navegar em águas plácidas e que o nosso prazo de validade viesse carimbado na nossa testa.

Gilmar Duarte Rocha é um escritor brasileiro, nascido no sudoeste da Bahia, terra da magia, do cacau e de escritores como Jorge Amado, Adonias Filho, João Ubaldo Ribeiro, Antonio Torres, entre outros. Cursou Economia, Tecnologia da Informação e Engenharia de Software. Apesar de ter composto diversas peças literárias desde cedo - inclusive romances ainda inéditos -, somente no ano 2005 veio a determinação de publicar o primeiro livro, a tragicomédia UM MORTO NA MINHA CAMA, Parte 1. A partir daí, não parou mais. Publicou mais quatro obras do gênero romanesco e um livro de impressões de viagem. Atualmente integra a Associação Nacional de Escritores-ANE, entidade que agrega nomes importantes da literatura nacional. Também faz parte da IWA-Associação Internacional de Escritores, com sede em Ohio, Estados Unidos.

NEURIVAN SOUSA

Autor dos livros Lume, Palavras Sonâmbulas e Minha estampa é da cor do tempo



Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com

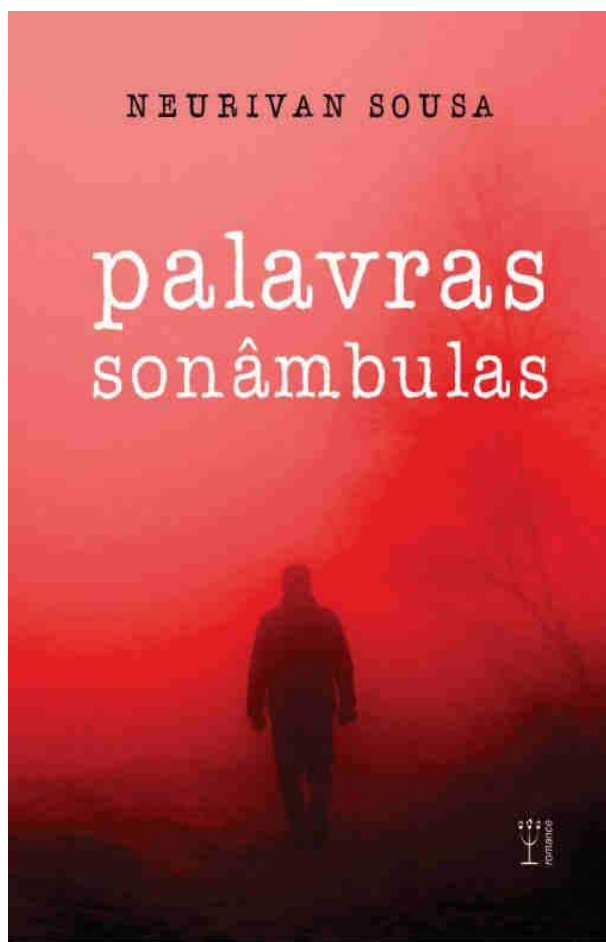
NEURIVAN SOUSA é poeta e professor da rede pública, natural de Magalhães de Almeida-MA (1974), radicado em Santa Rita. Membro fundador da Associação Maranhense de Escritores Independentes (AMEI) e Membro Correspondente da Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA). É autor de Lume (2015), O pequeno poeta (2015), O pequeno poeta em segredos no jardim (2016), Palavras sonâmbulas (2016), e Minha estampa é da cor do tempo (2017).

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Neurivan Sousa: Em 2012 eu decidi tirar da gaveta alguns poemas juvenis, escritos ao

longo da minha juventude. Com o título de Polifonia do silêncio, o livro foi prefaciado pelo grande contista Caio Porfírio Carneiro e publicado pela Scortecci. Foi a partir daquele momento que realmente fui me interessar por literatura, pois até então sequer



era um leitor de verdade. Consciente das minhas precariedades, em 2013 resolvi fazer uma oficina literária com o poeta e crítico literário Paulo Bentancur. Foi quando a literatura entrou na minha vida para ocupar todos os espaços, mais especificamente a poesia, gênero que sempre me fascinou. Lembro-me que tinha que ler semanalmente três livros por ele indicados, além de produzir e enviar 10 poemas. As nove remessas iniciais foram integralmente reprovadas.

Contudo, a persistência, aliada à disciplina, humildade e leituras diárias, possibilitou que eu me superasse.

Conexão Literatura: Você é autor dos livros "Lume", "Palavras Sonâmbulas" e "Minha estampa é da cor do tempo" (Editora Penalux). Poderia comentar?

Neurivan Sousa: "Lume" e "Palavras Sonâmbulas" são frutos de uma oficina literária, realizada no período de 2015 a meados de 2016, com o poeta e crítico gaúcho Paulo Bentancur. Em ambos predomina a pluralidade temática e estilística, uma vez que não sou muito fã da linha monotemático. Já o "Minha estampa é da cor do tempo", lançado no início de 2018, representa o início de meu caminhar com pernas próprias. Ele traz 69 poemas, entre curtos e médios, divididos em cinco seções denominadas estampas, predominando a subversão de linguagem como reflexão sobre a vida, que reinventa a realidade das coisas e dos seres. Além disso, o livro é uma homenagem

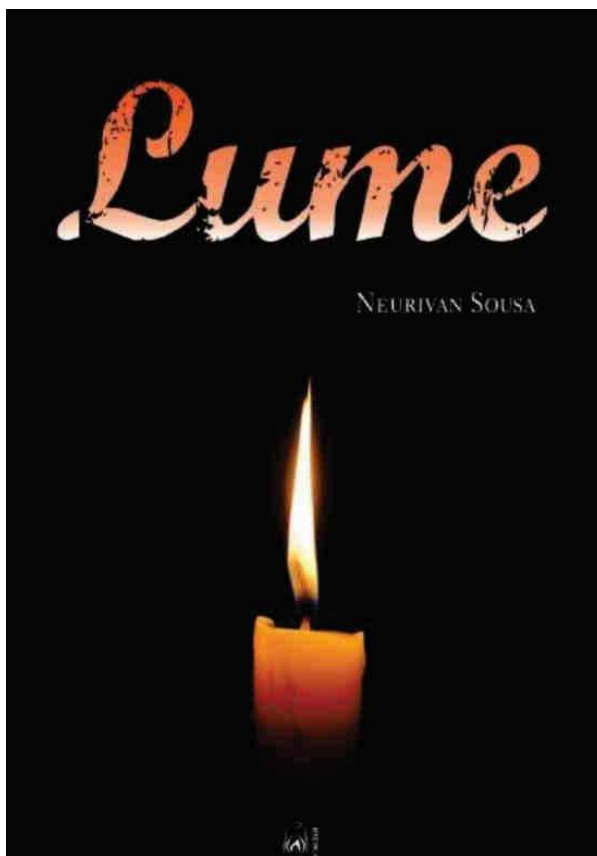
póstuma ao Paulo Bentancur, meu grande mestre, e concebido para fisgar novos leitores.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seus livros?

Neurivan Sousa: As pesquisas de um poeta devem ser, fundamentalmente, suas vivências, permeadas de angústias, espantos, encantamentos e infortúnios; suas leituras, seu olhar meticuloso à ciranda da vida com suas tragédias e comédias, sua tentativa de dizer o indizível. Portanto, é isso que busco seguir.

Quanto ao tempo que levei para concluir meus livros, eu vivi um período inicial de intensa produção, isso entre 2015 e 2016, em que escrevi e publiquei dois livros por ano. Quer dizer, eu

passava 06 meses para escrever 02 livros e mais 06 meses para publicá-los. Hoje, um pouco mais maduro, mais leio que escrevo.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seus livros?

Neurivan Sousa: “Meu monstro / multifacetado / – demônio das trevas – / reza dormindo.” (Lume, pág. 34)

“As pernas reumáticas fraquejam, / os braços cansados atrofiam. Só / as palavras – únicas sobreviventes / do holocausto do tempo – mantêm-se / de pé, movendo-se de insatisfação / ante as podres migalhas dos dias.” (Lume, pág. 93)

“o fim chega de crucifixo / num estupro santificado / por quem

reparte a hóstia / e
delicadamente cultiva /
hortaliças para o Diabo.”

(Palavras sonâmbulas, pág. 23)

“Cruz e clero, dentes e punhos, /

vão sonegando o
direito à vida /
enquanto

palestinos e
judeus / ocultam
as peças do
xadrez.”

(Palavras
sonâmbulas, pág.
35)

“Não vejo as
palavras / Como
espuma ou
pétalas / Nem
como aço ou
brasas / Porque
seu peso e nit /

Têm a estirpe do silêncio / Eu
quero uma palavra / Nova
intacta e físsil / Para desfazer o
mundo / Porque o ofício do
poeta / É rivalizar com Deus.”
(Minha estampa é da cor do
tempo, pág. 13)

Talvez os poetas / Sejam pardais
/ Das manhãs perdidas / De

uma infância / Abreviada / E
têm mania / De cantar /
Enquanto / Catam palavras / De
tudo aquilo / Que fica
extraviado / No silêncio.”

(Minha estampa é
da cor do tempo,
pág. 86)



Conexão
Literatura: Como
o leitor
interessado
deverá proceder
para adquirir os
seus livros e saber
um pouco mais
sobre o seu
trabalho?

Neurivan Sousa:
Bom, eu diria
que, do ponto de

vista editorial, sou um autor
monogâmico, meu casamento
com a Penalux é para a vida
toda.

De modo que todos os meus
livros voltados para o público
adulto foram publicados por ela
e, obviamente, podem ser
adquiridos diretamente na loja
da editora:

<http://editorapenalux.com.br/loja/minha-estampa-e-da-cor-do-tempo?tag=Candeeiro&page=4>

Já os infantis, como foram publicações independentes, são comercializados por mim mesmo, através da minha Likestore no Facebook:

https://www.facebook.com/sou_saneurivan/app/206803572685797/

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Neurivan Sousa: No momento trabalho meu terceiro livro infantojuvenil, o qual deve sair até fim do ano, intitulado *O pequeno poeta em coisas de gente grande*. Com ele fecho uma trilogia, cujo propósito é formar pequenos leitores para que se tenha no amanhã adultos leitores de poesia. Porque, a rigor, cá entre nós, no Brasil se faz poesia para o meio acadêmico ou de poetas para poetas. Meu projeto é ir na contramão dessa realidade

arcaica, e que explica o porquê da poesia ser um gênero pouquíssimo lido.

Perguntas rápidas:

Um livro: *Vozes anoitecidas* – Mia Couto

Um (a) autor (a): Cecília Meireles

Um ator ou atriz: Lima Duarte

Um filme: *Um sonho de liberdade*.

Um dia especial: O nascimento da minha filha Ádria Luísa.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

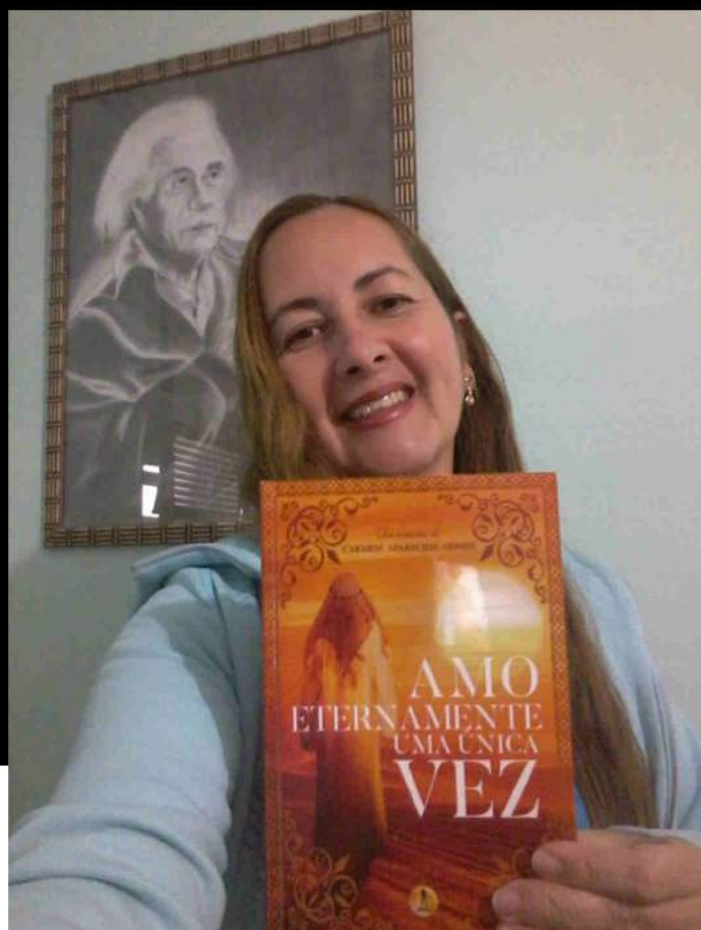
Neurivan Sousa: Cada livro colocado nas mãos de uma criança talvez represente para o futuro tirar uma arma das mãos de um adulto. É por isso que eu acredito na literatura como ferramenta de transformação do mundo e do próprio ser humano, além de ser uma forma de resistência, de contrapor-se à ordem dominante.

Visite: <http://editorapenalux.com.br>

CARMEM APARECIDA GOMES

Autora do livro
Amo eternamente
uma única vez

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



Filha de artesã e costureira, na infância estudou em escolas públicas. Cursou Ensino médio através do EJA. Formada em Pedagogia, Bacharel em Direito, Especialista em Ensino Superior e Mestre. Obras literárias publicadas no Brasil e Exterior: A menina e o tesouro, A preguiça do cumpade Zé Cochoxi, A menina de olhos alaranjados, O seu Coisa, O colecionador de tatuagens, Os sonhos mágicos de Eloan e Amo eternamente uma única vez. Participações em Antologias Poéticas e também em obras poéticas coletivas no Brasil e Exterior.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Carmem Aparecida Gomes: Na faculdade sempre optava por

ficar com a parte teórica (escrita) nos trabalhos em grupo.

Sempre fui apaixonada pela a 'escrita'. Minha primeira obra a ser publicada é meio ficção e meio realidade "A menina e o

tesouro” é baseada nas histórias de minha falecida avó materna.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Amo Eternamente Uma Única Vez” (Drago Editorial). Poderia comentar?

Carmem Aparecida Gomes: Sim. Entre todas as obras escritas e publicadas *Amo eternamente uma única vez* é o meu primeiro romance. É uma história de amor e paixão entre duas pessoas com muitas diferenças como idade, religião, cultura, nacionalidade e costumes. A pretensão é mostrar ao leitor que o amor superou todas as diferenças. É um romance “quente” para jovens e adultos.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Carmem Aparecida Gomes: Não fiz pesquisas. A obra literária *Amo eternamente uma única vez* surgiu com bate papo no messenger com amigos de países asiáticos como Paquistão e



países da África do norte como Líbia. Eu fiquei intrigada com os costumes, cultura, religião e por eles, os homens poderem se casar com mais de uma ‘esposa’.

Enfim, eu fiquei encantada com as diferenças de nossa cultura e da cultura deles. Então, resolvi criar os personagens que se apaixonam loucamente. Sendo uma brasileira de um pouco mais de 40 anos de idade e um belo rapaz do Paquistão com apenas 25 anos de idade. Levei 3 meses para concluir a obra.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Carmem Aparecida Gomes: Todo o livro é muito quente e o casal quando se encontra o que acontece entre eles é “belíssimo”. Mas é muito bonito quando o Paquistânês corre atrás da brasileira no aeroporto do Paquistão e diz que se casaria **SÓ COM ELA**. Ele abre mão de ter mais de uma esposa.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Carmem Aparecida Gomes: O livro *Amo eternamente* uma única vez está disponível no site da Drago Editorial e logo em vários outros sites como Amazon.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Carmem Aparecida Gomes: Sim. Está previsto para

Novembro de 2018 o lançamento pela Drago Editorial de minha *Obra Poética* solo “Entre o Sacro e o Profano”. Tenho um roteiro cinematográfico em avaliação por uma produtora e vários textos arquivados que pretendo publicá-los sendo histórias infantil, juvenil, adulto, romance e poemas.

Perguntas rápidas:

Um livro: *Dos Delitos e Das Penas*

Um (a) autor (a): Cesare Beccaria ou Marquês de Beccaria (1738/1794)

Um ator ou atriz: Anthony Hopkins

Um filme: *Um crime de mestre*

Um dia especial: 7 de Setembro (Dia da Independência do Brasil)

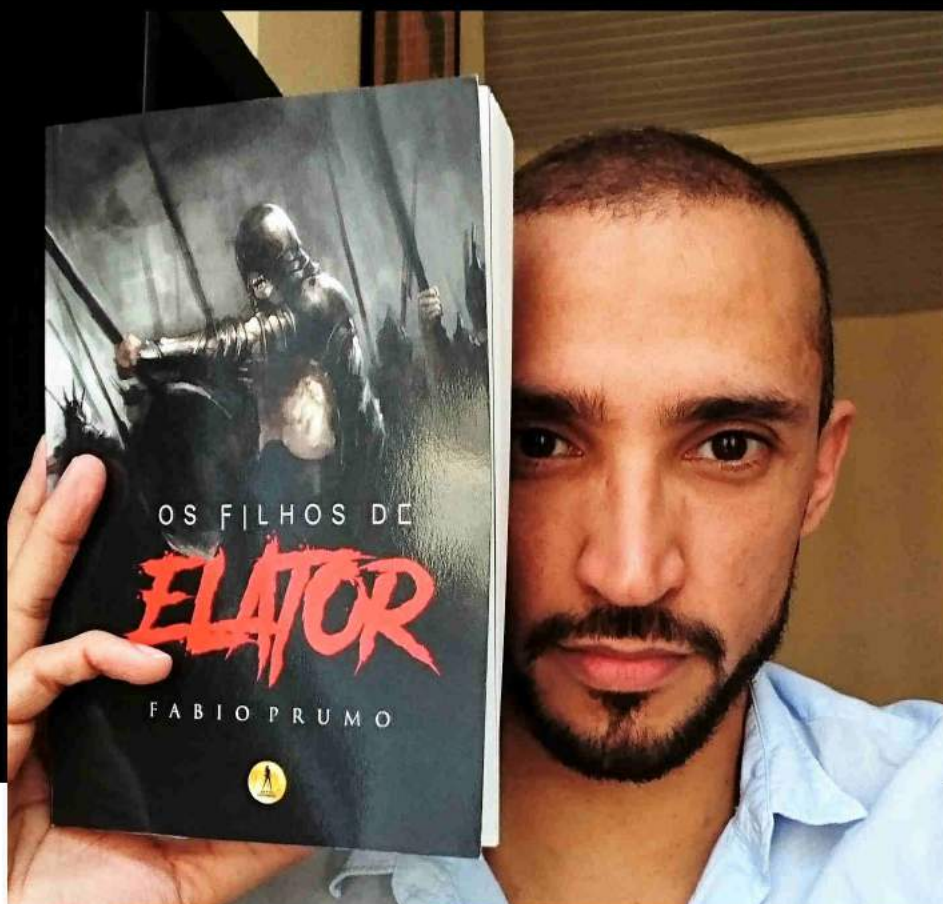
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Carmem Aparecida Gomes: Sim. Agradecer a Deus por me conceder o dom da ‘escrita’.

FABIO PRUMO

Autor do livro
Os filhos de
Elator

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



Doutor em literatura na Sorbonne, especializou-se em literatura infanto-juvenil. Atualmente ensina língua portuguesa no sul da França e também trabalha como tradutor e intérprete. Originário de São Paulo, ele radicou-se na França em 2002. Porém, continua tendo um vínculo forte com o universo literário brasileiro. Recentemente dedica parte do seu tempo como booktuber no seu canal Livro no Divã, dedicado à literatura fantástica nacional.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Fabio Prumo: Sim, claro. Comecei a escrever muito cedo.

Com dez anos de idade tinha posto na cabeça que escreveria uma história de terror. Cheguei a escrever várias páginas. Hoje, quando me lembro disso, acho graça, mas no fundo rola um orgulho. Depois passei a

escrever poesias, inventar peças de teatro, fazer HQ. O problema era que, na maioria das vezes, punha tudo na gaveta ou só mostrava para os mais próximos.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Os Filhos de Elator” (Drago Editorial). Poderia comentar?

Fabio Prumo: O livro estava na gaveta fazia anos! Às vezes voltava nele, acrescentava um capítulo, tirava outro, mexia um pouco no texto... Um dia eu resolvi parar de esconder a cria debaixo das asas e me disse “Por que não publicar?”. O desafio maior era a falta de tempo para ficar caçando uma editora. Por isso, enviei para poucas. A Drago gostou e quis publicar. Fiquei bem feliz.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Fabio Prumo: As fontes inspiradoras foram várias: livros, desenhos animados,

videogames, filmes, jogos RPG. Houve um momento que fiquei meio blasé de ler literatura fantástica, pois achava os personagens muito estereotipados e as histórias longas com pouca “ação”. Criei, então, personagens que quebrassem estereótipos. Fiz, por exemplo, um guerreiro brutamente sensível e um mago bom de briga. E talvez o mais importante: muitas peripécias! Acontecem muitas coisas nele e queimei muitos neurônios para encontrar ideias. Resultado: no final demorei dez anos para dar a luz a “Os Filhos de Elator”.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Fabio Prumo: Puxa! Você pediu uma coisa difícil. É como perguntar a uma mãe qual é o seu filho preferido. Na verdade, há vários trechos que são especiais para mim. Posso citar, por exemplo, o amor e a admiração da menina Qiza pelo pai. Quando ele falece, algo mágico acontece, algo muito

especial que mudou a vida dela e de todos os seus descendentes.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre o seu trabalho?

Fabio Prumo: O meu livro pode ser comprado na livraria da Drago Editorial, na Martins Fontes, mas também nos sites da Amazon, Lojas

Americanas, Saraiva (este último apenas em e-book, por enquanto). Costumo falar sobre o meu trabalho na minha fanpage no Facebook (<https://www.facebook.com/osfilhosdeelator/>) ou no meu Instagram (fabioprumo).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Fabio Prumo: Sim. Estou escrevendo um novo livro no mesmo universo e estou amando. Embora esteja

mergulhado num universo épico medieval, abordo questões bastante atuais ligadas ao gênero (gender). Por isso, os personagens apresentam uma complexidade desafiadora para mim. Faz um ano que o estou escrevendo e avancei bastante na escrita. Desta vez juro que

termino em menos de dez anos!

Perguntas rápidas:

Um livro: Felicidade Clandestina

Um (a) autor (a): J R R Tolkien

Um ator ou atriz: Kristin Scott Thomas

Um filme: O Tigre e o Dragão.

Um dia especial: o dia em que publiquei o meu livro!



Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Fabio Prumo: Gostaria de agradecer pelo apoio de várias pessoas que acreditaram na minha obra e continuam

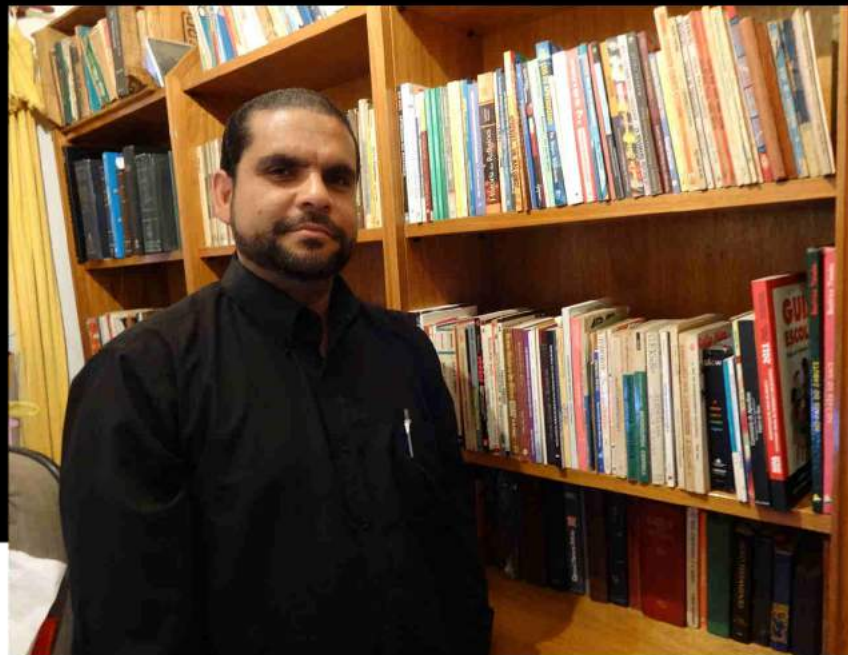
acreditando. Estou recebendo muitos retornos positivos e isso é delicioso. O objetivo número dois agora é publicar *Os Filhos de Elator* em outras línguas. Estou indo com calma, já que todos sabem que devagar se vai ao longe!



WAGNER AZEVEDO

Autor do livro
Dicionário de animais
com outros significados

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



WAGNER AZEVEDO PEREIRA nasceu em Nova Iguaçu, RJ, em 1975. Formado em Letras, pós-graduação (lato sensu) em Língua Portuguesa e cursa Direito, tudo pela UERJ. É professor de português, italiano, de música (violão e piano), dicionarista, pesquisador, escritor e poeta. Possui publicados dois dicionários inéditos em todas as línguas do mundo: o Dicionário de Onomatopeias e Vocábulo Expressivos (Autografia – 2016) e o Dicionário de Animais com Outros Significados (Drago Editorial – 2018 – o 1º de uma tetralogia), ambos registrados em textos das literaturas brasileira e portuguesa, em letras da MPB e gibis.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Wagner Azevedo: Foi no Ensino Fundamental. Lembro-me que à

época li diversos autores, mas nem imaginava que a literatura seria a minha vida no futuro. Eu despertei mesmo foi quando comecei a tocar violão aos 21 anos e através do conhecimento

das letras de Chico Buarque, Caetano Veloso, Tom Jobim etc. tive vontade de fazer um curso universitário. Fiz vários vestibulares. As universidades que não tinham graduação em Música fiz para Letras. Consegui entrar em Letras na UERJ em 2007. A partir daí conheci profundamente o universo literário. Escrevo e tenho publicado romance, conto e poemas (os dois últimos em antologias).

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Dicionário de Animais com Outros Significados: registrados nas literaturas brasileira e portuguesa, em letras da MPB e nas Histórias em Quadrinhos” (Drago Editorial). Poderia comentar?

Wagner Azevedo: Esse dicionário surgiu de maneira muito natural. No segundo semestre de 2008, em uma aula de língua japonesa na UERJ, a professora Rika Hagino comentou que presenciara no Japão um brasileiro ser empurrado no trem. Ele xingou em japonês “seu cavalo” (como “seu estúpido”), mas o cidadão japonês apenas olhou para trás sem entender nada... Esse relato foi interessante para sabermos

que não são todas as culturas que têm a mesma percepção linguística para os usos de determinados vocábulos ou locuções com outros significados.

Desde essa época eu já vinha recolhendo vocábulos e elaborando dicionários. E foi depois deste episódio que tive a ideia de criar um trabalho sobre os nomes de animais com outros significados para apresentar a curiosidade a todos e que ajudasse os estrangeiros estudantes da língua portuguesa do Brasil a compreender melhor nosso idioma. A princípio era apenas com os nomes dos animais, depois fiz a segunda parte com os membros do corpo também com outros significados, a terceira com os coletivos e a quarta com os vocábulos homônimos que o povo confunde como sendo de origem animal.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Wagner Azevedo: Foi em pouco tempo porque quando eu pesquisava exemplos em textos para o Dicionário de Onomatopeias e Vocábulos

DICIONÁRIO de ANIMAIS

Wagner Azevedo

Com Outros Significados

Registrados nas literaturas brasileira e portuguesa, em letras da MPB e nas Histórias em Quadrinhos



Do mesmo autor de:
Dicionário de Onomatopeias
e Vocábulos Expressivos



Expressivos, sempre separava também exemplos diversos para os outros próximos dicionários meus. Então só tive de organizar todo o material recolhido, além de pesquisar a nossa fauna. Essas pesquisas eu fiz na Biblioteca Parque, na Biblioteca Nacional, na Biblioteca da UERJ (de Letras e comunitária) e na Biblioteca Municipal de Nova Iguaçu. O conjunto das minhas obras (tenho um total de treze dicionários, sendo nove inéditos) são documentos para a cultura universal porque pesquisei os compositores, os escritores e os quadrinistas na nossa cultura da língua portuguesa.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Wagner Azevedo: Pelo fato dessa minha obra ser um dicionário eu digo que tenho paixão pelo todo.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Wagner Azevedo: O dicionário pode ser encontrado no site da livraria Drago Editorial, <https://www.livrariadragoeditorial.com/products/dicionario-de-animais-wagner-azevedo/>. Sobre minhas obras todos podem saber na página Onomatopeias Wagner Azevedo, no facebook. Também tenho um canal no YouTube.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Wagner Azevedo: Sim! Em breve sai o 2º dicionário da tetralogia pela Drago Editorial. Tenho planos ainda de entrar no Guinness Book e posteriormente trazer o primeiro Prêmio Nobel para o Brasil.



Perguntas rápidas:

Um livro: Grande Sertão:
Veredas, do Guimarães Rosa.

Um (a) autor (a): Fernando
Pessoa

Um ator ou atriz: Isis Valverde

Um filme: Haru e Natsu
(japonês)

Um dia especial: Quando vi
minha aprovação no vestibular.

**Conexão Literatura: Deseja
encerrar com mais algum
comentário?**

Agradeço a oportunidade da
entrevista à revista Conexão
Literatura e meu desejo é fazer
com que o gênero dicionário
torne-se popular.



RICARDO DIAS DE OLIVEIRA

Autor do livro
O conhecimento da
cabala

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



Ricardo Dias de Oliveira nasceu em 1989 na cidade de Belo Horizonte e cresceu em Betim onde vive até hoje. Trabalhou por seis anos na área da indústria de usinagem metalurgia e auto peças. Sempre gostou de desenhar e já trabalhou como tatuador. Gosta de animes especialmente dos anos 90 embora não se considere otaku, de vídeo games antigos como o Mega Drive e de rock/heavy metal. Os assuntos que mais gosta são mitologia e ocultismo. Atualmente tem se dedicado em tempo integral a pesquisar e escrever sobre ocultismo. Como ocultista é adepto da cabala e da magia cerimonial.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

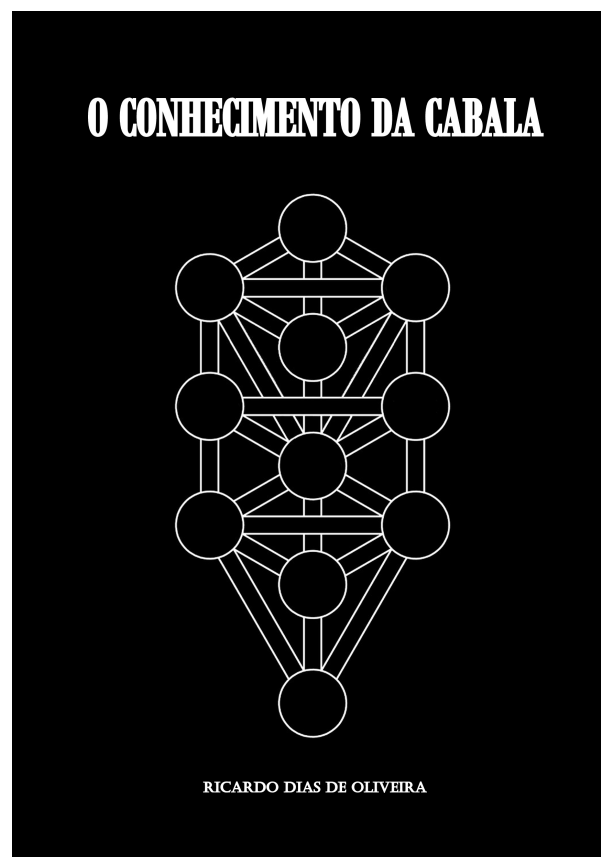
Ricardo Dias de Oliveira: Desde a infância sempre tive grande

reverência pelos livros em geral via eles como fonte de conhecimento. Mas assim como outros autores tive dificuldades em publicar meu primeiro livro. Quando descobri o site clubedeautores.com achei que

seria uma boa publicar ainda que em formato digital e assim publiquei meu primeiro livro “Análise Sobre Mitos e o Oculto”. Também publiquei lá o livro “O Sobrenatural na Antiguidade”. Algum tempo depois entrei em contato com a Editora Anunaki e assim publiquei “Análise Sobre Mitos e o Oculto” em formato físico e com algumas atualizações em relação a versão e-book. Aos poucos fui entrando em contato com outros autores com os mesmos interesses que eu mais na área do esoterismo e assim sempre que posso divulgo meus livros na internet.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O Conhecimento da Cabala”. Poderia comentar?

Ricardo Dias de Oliveira: Sim, é o meu terceiro livro publicado e publiquei em versão e-book também no site clubedeautores.com, como sou ocultista e adepto da cabala tenho grande reverência por esse corpo de conhecimentos. A cabala é considerada um sistema mágico tipicamente ocidental e embora eu não me considere um mestre no assunto, creio que esse livro deve ajudar muito as pessoas que tem algum interesse



em cabala, mas nunca tiveram a oportunidade de estudar pessoalmente com um mestre rabino cabalista.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Ricardo Dias de Oliveira: Boa parte das bases do conhecimento cabalístico eu já tinha em mente já que sou adepto e praticante e também tenho a sorte de possuir em minha estante alguns livros essenciais sobre o tema. Demorei aproximadamente uns quatro meses para concluir o texto base. O que deu mais

trabalho foi me aprofundar na história da cabala pois trata-se de um acumulado de conhecimentos de milhares de anos, é complexo tentar rastrear as origens desse conhecimento. Também não foi fácil compreender as bases de certas técnicas e o conteúdo de certos textos, muito desse conhecimento costuma ser mantido em segredo pelos adeptos e as explicações de certos textos exigem muita atenção focada e estudo.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Ricardo Dias de Oliveira: Sim, esse trecho: “Se o estudante deseja obter resultados então precisa realmente se dedicar se compromissar. Nos chamados “mistérios” dos templos politeístas da antiguidade o candidato só era admitido se estivesse correto com a justiça e não tivesse nenhum crime grave sobre si como homicídio por exemplo. Depois de passar pelo processo de iniciação onde participava de um rito de significado realmente profundo tinha de se submeter a provas duríssimas para ser merecedor de obter o conhecimento desses

mistérios. Existe uma boa razão para os rabinos de antigamente terem sido tão seletivos em relação a quem ensinar cabala, trata-se de um conhecimento que nunca deveria ser difundido entre pessoas vulgares, superficiais, e de hábitos profanos e condenáveis.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Ricardo Dias de Oliveira: O livro está disponível para venda em formato e-book no site clubedeautores.com.br. Para entrar em contato comigo basta deixar comentários nos meus blogs ou perfis em redes sociais.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ricardo Dias de Oliveira: Além de escrever no blog ricardodias7.blogspot.com criei a pouco tempo o blog esoterismojudaico.blogspot.com onde escrevo sobre cabala e também sobre certos mistérios da tradição judaica. No momento o trabalho ao qual mais tenho me dedicado é no

meu quarto livro que gostaria de publicar no futuro chamado “Conhecendo o Alcorão e Seus Mistérios” pensei que conseguiria terminar em poucos meses mas já tenho trabalhado nele por quase dois anos, o Alcorão é um livro denso e muita coisa dele até os próprios eruditos muçulmanos não compreendem com exatidão.

Perguntas rápidas:

Um livro: Sêfer Yetsirá

Um (a) autor (a): Arie Kaplan

Um ator ou atriz: Hugo Weaving

Um filme: Guardiões da Noite

Um dia especial: 25 de dezembro

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ricardo Dias de Oliveira: Eu gostaria de agradecer pelo

espaço, e gostaria de convidar aos leitores da revista a adquirirem meu livro “O Conhecimento da Cabala” disponível no site clubedeautores.com.br, aos interessados em ocultismo em geral creio que será de grande ajuda, pois, muitos elementos da cabala tem sido mantidos secretos por anos, é uma obra que pode ser aos ocultistas praticantes uma boa referência.

Também gostaria de convidar aos leitores a fazerem uma visita nos meus blogs ricardodias7.blogspot.com e esoterismojudaico.blogspot.com onde tem links para meus perfis em redes sociais e para onde meus livros são vendidos, meu e-mail pessoal é ricardodiasoliveira7@gmail.com.



A Ária das Górgones

por João Gomes Moreira

"É da natureza do Estado apresentar-se, tanto para si quanto para seus governados, como objeto absoluto".

Mikhail Bakunin

Em um *bunker* entre os escombros de Taguatinga, no planalto central do Brasil um grupo de *desalinhados* se reúne ao redor de uma fogueira. Entre eles está Cassandra, *a capitã*. E ela estava furiosa porque havia *indícios* de eventual ocorrência de quebra de *protocolo*¹. É o início da noite.

Os *grandes incêndios* dizimaram milhares de pessoas e a infraestrutura da civilização sofreu grandes perdas. As corporações de agronegócios ditavam as regras no Parlamento. O sistema de governo da república federal do Brasil passou por uma mutação política nos idos de 2055...

¹

This connection is not reliable. Protocolo Secure Sockets Layer (SSL).

desde 2015 uma série de presidentes sofreram impeachments. Essa gangorra gerou a adoção da Lei Hernandes² e, posteriormente, o unicameralismo porque o país alcançou uma composição homogênea e estrutura política unitária. A câmara de deputados foi extinta... A presidência da república foi se encolhendo a tal ponto que se tornou apenas uma instituição figurativa. Após essas alterações o país conseguiu êxito em decorrência da facilidade de criação e modificação de leis, pela maior simplicidade do processo legislativo, também evitou os paradoxos e discrepâncias entre as duas câmaras, além de reduzir custos. *...Porém as desvantagens são a dominação da maioria e a dificuldade de articulação do poder executivo com o legislativo.*

*Se é mister que de peitos valentes
Haja sangue em nosso pendão,
Sangue vivo do herói Tiradentes
Batizou este audaz pavilhão!
Mensageiros de paz, paz queremos,
É de amor nossa força e poder
Mas da guerra nos transes supremos
Heis de ver-nos lutar e vencer!*³

Os *desalinhados*⁴ sabem que a Tonge Alimentos, com vendas anuais de 15,747 bilhões de dólares, de acordo com a *Revista Capital Rural*, e representa 60% das exportações. Tem 20.000 pessoas empregadas; a Cornell & Associados é a segunda maior empresa do país no setor de agronegócio, com vendas anuais de 9,406 bilhões de dólares. A cifra representa uma queda de 3,3% sobre o ano anterior, segundo a edição

² LSD. Lei da Supressão de Deputados. Proposta por Clodovil Hernandes. Ementa: Limita em 250 o número de Deputados que integram a Câmara dos Deputados e cria normas para que nenhuma unidade da Federação fique com menos de quatro ou mais de trinta representantes. (cf. <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=404696>).

³ . Extrato do Hino da República do Brasil. Letra de: José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867 – 1934).

⁴ Os grupos de desalinhados, conforme define o Senado. Os desalinhados são os rebeldes contestadores do sistema. Críticos e adversários dos programas de planificação desenvolvidos e implantados em todo o país.

especial Melhores e Maiores de *Capital Report Magazine*. A grande maioria dos negócios da empresa, cujo controle é americano, provém do mercado externo: 69,6% das vendas vieram das exportações no ano passado. Entre os produtos que chegam às gôndolas dos supermercados, estão a marca de óleo Lize, a de azeite Mara, e a de maionese NewGourmet. Estas duas empresas e outras seis formam o cartel *Novo Campo...* e têm em sua carteira de clientes uma significativa parcela dos representantes do povo no Parlamento.

A *voz do Brasil* difundia: O El Niño é um fenômeno climático de escala global. Caracteriza-se pelo aquecimento anormal das águas superficiais do Oceano Pacífico, predominantemente na sua faixa equatorial. Ocorre em intervalos médios de 4 anos. Esse aquecimento é geralmente observado no mês de dezembro, próximo ao Natal, por isso recebeu o nome de “El Niño”, em referência ao “Niño Jesus” (Menino Jesus), que foi dado por pescadores peruanos.O fenômeno El Niño-Oscilação Sul (ENOS) é caracterizado por anomalias, positivas (El Niño) ou negativas (La Niña), de temperatura da superfície do mar (TSM) no Pacífico equatorial, e sua caracterização é feita através de índices, como o Índice de Oscilação Sul (IOS – calculado através da diferença de pressão entre duas regiões distintas: Taiti e Darwin) e os índices nomeados Niño ⁵.

A confederação guaraníca se sublevou e desencadeou uma guerra no Mato Grosso do Sul. Povos indígenas do Brasil e Paraguai se uniram e iniciaram uma guerra de independência. Reminiscências da colonização e da Guerra do Paraguai (1864-1870). “*No Mato Grosso do Sul, o boi vale mais que uma criança indígena, o pé de soja vale mais que o pé de cedro*”, afirma em tom de protesto o autóctone Guarani Kaiowá, liderança indígena que vive em uma terra ainda não demarcada. “*Se eles não nos deixam sonhar, a gente também não os deixam dormir*” declara outra liderança do movimento. Estamos em busca do resgate de nosso *tekohá* ⁶.

⁵ Índices Niño (Niño 1+2, Niño 3, Niño 3.4 e Niño 4), que nada mais são do que as anomalias de TSM médias em diferentes regiões do Pacífico equatorial.

⁶ Na língua Kaiowá, *tekohá* significa lugar onde se pode viver. Essa é a palavra que eles usam para se referir a território.

A família da autóctone, *Euryale* descendia dos nativos "paiaguás" de venerável memória na região do território de Mato Grosso do Brasil. Eram caçadores nômades e pescadores. Tinham um código de honra que impedia que um guerreiro recuasse em batalha. Se orgulhavam de não ter piedade do inimigo, sendo hábeis no manejo de cavalgaduras e peritos em navegação. Com suas canoas, dominavam o rio Paraguai e hostilizavam os guaranis, que viviam a leste do rio e que costumavam roubar suas colheitas. Utilizavam as ilhas do rio Paraguai para enterrar seus mortos, cobrindo as cabeças destes com grandes vasilhas em forma de sino.

A denominação "paiaguás" é um exônimo pejorativo que lhes foi dado por seus tradicionais vizinhos e rivais, os guaranis. No século 16, tomaram contato com o explorador espanhol Juan de Ayolas, que, em 2 de fevereiro de 1537, fundou, em terras paiaguás, o porto de Candelária. No ano seguinte, Ayolas foi morto pelos paiaguás quando retornava de uma expedição ao *Chaco*. A partir da fundação da cidade de Assunção em 1537, os paiaguás passaram a atacar os espanhóis, tornando-se, então, "piratas" do rio Paraguai (uma das etimologias possíveis para o topônimo "Paraguai" é o termo guarani para "rio dos paiaguás"). Durante os anos 1700, dificultaram muito a colonização de origem europeia na região em que habitavam. A partir de 1719, os *cadiués*, o ramo setentrional dos paiaguás, passaram a atacar os portugueses de Mato Grosso e a expulsar os *guatós* da região do Pantanal. O butim obtido, bem como os escravos capturados, eram vendidos em Assunção.

Ka'anal gris ti' Eek'e' silenciosa
Loxikaba'ex le hélices ti' chokoj
Tal ti' paquetes yéetel wooko'ob terciopelo
Chupando k'i'ik'el u síis le Bak'lis
Wa máax equivoca yéetel a sonrisa
Ka Franck jóol ti' le llegada
Chéen túuxtik túuxtik Táant u k'uchul
túuxtik chéen Ko'oten yéetel ma' ku mixba'al (bis).

Em 1739, atacaram a frota de Lanhas Peixoto que transportava o quinto do rei das minas de ouro de Cuiabá até São Paulo, e venderam o ouro

obtido em *Assunção*. Por volta de 1750, o ramo meridional dos paiaguás, os *tacumbus*, foi contido pelo governador do Paraguai Rafael de la Moneda, que construiu uma série de fortes ao longo do rio Paraguai. Os *tacumbus*, então, firmaram um acordo de paz com os espanhóis e se instalaram nas proximidades de *Assunção*, cidade que se beneficiava da venda de escravos que era praticada pelos paiaguás. Por volta de 1770, os *cadiués* se uniram aos *tacumbus*, pois ficaram impedidos de atacar os portugueses por estes terem construído uma série de fortes no rio Paraguai. A decadência dos paiaguás veio durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), quando serviram como lanceiros contra o exército brasileiro. Sessenta anos depois: *El Chaco fue escenario de la última guerra por territorios que tuvo lugar en Sudamérica, entre 1932 a 1935, la guerra del Chaco, un conflicto bélico entre Paraguay y Bolivia. De esa época se conservan algunos sitios de gran importancia histórica: Boquerón, Campo Grande, Campo Vía, Nanawa, Cañada Strongest, El Carmen, Kilómetro 7, Picuiba y Villamontes, entre otros. ...e desta forma poucos remanescentes dos paiaguás restaram entre os ríos Paraguay y Pilcomayo.*

Tin wa'alaj teech u xiibo'obo'
Sobresaliendo le minas beetik emboscadas
U propósito, ka'ach u propósito
Bin u propósito bin Beat beat (bis)...
Te' soralo' le sajakil derrocar ti' le vencidos
Wu'uyik le disparos áak'ab ahogada
Lu'umo'oba' ti' le máaxo'ob hoyos jump'éel credo...
Ka ma' ts'o'oks yéetel k'i'ik'el le rebaño
*Táan in harto ti' leti'ob, táan in harto ti' leti'ob*⁷

A autóctone, Euryale em criança seguiu com sua família de *Bodoquena* para *Miranda* e depois de três meses partiram novamente para *Aquidauana*. Nesta última localidade permaneceram por dois anos.

7

Uma canção de guerra de autoria de José H. Carvalho. Soldado português que serviu na campanha de Moçambique. *O hino do Lunho* traduzido para o Yucatec Maya (a fim de ênfase narrativa na falta de léxico paiaguá, via: <https://pt.glosbe.com/pt/gn>).
http://ultramar.terraweb.biz/Livros/PedrodeSaVianaRebelo/Estoria75_CorEngPedrodeSaVianaRebelo.pdf.

Travaram conhecimento com um grupo de ciganos e com estes novamente viajaram. Desta vez rumo a Campo Grande. Nesta capital Euryale começou a ouvir as lendas sobre a máquina fabulosa de *Juruna Butsé*. A máquina fabulosa era “gravador que era arco e flecha” As gravações apreendidas das vozes dos líderes, em grande medida, eram *páginas em branco...* Verdadeiramente as mentiras e injustiças de cada dia vão se acumulando... até que se tornam uma *colossal avalanche...* O cacique *xavante* foi o homem que dançou com lobos no planalto central. Ele mereceu a mais alta das honrarias paiaguás — o *manto nobre da legião de Tupac Amaru*.

Vince, conheceu Euryale em uma blackout fest da SSSP. O galpão do seu Severino se tornou o ponto de encontro oficial dos jovens nos sábados. O galpão tinha como programa não ter programa. A casa partia do método roleta-russa, eclético para a preparação das *surprise party*. Cada semana era uma surpresa. O pessoal entrava num vestíbulo. Neste espaço eles viam num painel 4 palavras e tinham 22 segundos para decifrar e decidir se aceitavam. Se sim pagavam o ingresso, entregava ao chapeleiro bolsas, carteiras, relógios, aparelhos eletrônicos, celulares e acessórios e entravam no salão. E tinha que permanecer por pelo menos duas horas no salão. Na Blackout Fest o salão estava todo escuro. Em algumas mesas foi deixado micro-lanternas. A cada 15 minutos as luzes eram acesas e permaneciam por 1 minuto.

Naquele sábado Vince entrou na festa e como estava tudo escuro ele procurou se sentar logo a mesa mais próxima do corredor. Porque não queria correr o risco de pisar no pé de alguém. Ele se apresentou aos membros da mesa e procurou fazer mentalmente a avaliação perceptiva-auditiva dos membros de sua mesa. Os sinais de identidade, padrões vocais e a psicodinâmica vocal das três mulheres que fazia parte de sua mesa. Nos primeiros cinco minutos, Vince comparou os pitches, loudness e ressonância. Entre Clara, Esten e Euryale ele travou uma conversa alternadamente com uma ou outra. Na mesma mesa estava também Geraldino e Pedro. A alternância entre os pares, no diálogo, durou os primeiros minutos. Do prólogo das amenidades, seguiu-se as trocas de informações identitárias e por fim seguiu-se as particularidades e idiosincrasias. Depois se definiram os pares. No

segundo minuto de luz acesa — para um observador — já era previsível quem tinha *se dado bem na vibe...*

Nos vemos na próxima festa?

Sarandi ainda recordava das idas com sua avó, Maria das Dores, a igreja do Sagrado Coração do Redentor onde havia a grande estátua do *crucificado*. Em sua mente teve uma surpresa e o êxtase d'uma epifania quando maravilhada se deparou na escola, no livro de história do Brasil entre os conjurados da Inconfidência Mineira o rosto do *crucificado... ...in persona Christi Capitis* ⁸.

Muito embora os edifícios das igrejas tenham se tornado — depois dos Grandes Incêndios — centros de esporte e lazer; na memória de muitos reside ainda muitas das idéias que lá foram proclamadas. O Senado e a Academia de Ciências havia tentado extirpar das mentes das pessoas tais tipos de memória através de uma intervenção cirúrgica nos Institutos de Mente e Mediação utilizando-se a técnica secção seletiva (SS) desenvolvida pelo doutor Dante Paschoal. Maria das Dores, sua avó, submeteu-se a intervenção, mas Cassandra não.

...Soli Deo gloria!

Ela pousou quarta-feira na Planície Chajnantor, no Deserto do Atacama, no norte do Chile, para ver o céu mais estrelado do mundo. As condições climáticas favoráveis não atraem apenas visitantes, mas também astrônomos. Não é à toa que, desde os anos 1960, a Agência Espacial Europeia (ESA) mantêm ali o Observatório Europeu do Sul (ESO). Em 13 de março de 2013, a ESA inaugurou ali o Alma, (*Atacama Large Milimeter Array*) está localizo maior e mais potente conjunto de telescópios já construído...e entre os poucos... ainda existente...

8

O sacerdote não representa Cristo, mas age na pessoa de Cristo ... Lit. "age na cabeça de Cristo".

Sarandi é uma daquelas moças que quando você olha pela primeira vez tem a impressão de que tenha saído d'um quadro renascentista. Uma abundante cabeleira ruiva cacheada emoldura um rosto delicado.

Os grilhões que nos forjava
 Da perfídia astuto ardil...
 Houve mão mais poderosa:
 Zombou deles o Brasil.
 Não temais ímpias falanges,
 Que apresentam face hostil;
 Vossos peitos, vossos braços
 São muralhas do Brasil.⁹

No bunker da *Alcateia Mutum-Paraná*, *Vince* tem uma amizade com a autóctone, *Euryale*. *Vince*, um programador de computador, recebeu uma mensagem encriptada de *Kanji*, sua namorada. Além do texto um

¹⁰
nude chegou anexado . *Vince* leu e releu o texto diversas vezes tentando conseguir estabelecer relações entre o texto, a imagem e a situação da resistência nos últimos tempos... Essa tarefa se mostrava muito, muito difícil, porque *Esten* era uma matemática prodígio... *O sol ingressou em Câncer e uma tempestade solar provocou avarias na infraestrutura de alguns sistemas de satélites e comunicações*. Enquanto *Vince* tenta conseguir decifrar a mensagem de *Kanji*, a canção *Blowin' In The Wind* evola-se do *microsystem* Sony 712 RTS e assim o faz regressar a noite passada em que sonhou que estava em um remanso de rio... de algures vinha o som de uma cachoeira. *Sentia* que fazia amor com uma mulher que — durante a cópula — ele só *percebia* o corpo... e (de alguma maneira) o corpo percebido era o escultural corpo de *Euryale*. ...no clímax ele via todo o corpo da mulher e se surpreende com o afável sorriso de *Kanji*.

⁹ Extrato do Hino da Independência do Brasil. Letra de: Evaristo da Veiga.

¹⁰ "Get me out of here!" To terminate the connection or "I understand the risks," to go on.

Enquanto Vince flutuava entre o sonho e a realidade Cassandra entrou no salão oval e ficou frente a frente com uma grande fotografia do chinês Ren Hang, de Changchun por dois segundos ela mirou a gravura. O salão oval abrigava o centro de processamento e análise de dados e deu ordem para a inicialização do *Plano de Contingência PIRL* a fim de remover os líderes da resistência. A alcateia *corre sério perigo!* Ele nunca tinha visto a capitã em carne e osso, agora maravilhado, então, afastou-se do console do Cray VI¹¹ e levantou-se, disse um elogio a primeira-regente. Perguntou qual tinha sido a impressão imediata ao ver a gravura e ergueu a mão a fim de afagar seus cabelos. Entretanto é um engano imaginar que todo seu requinte e beleza seja sinônimo de delicada¹² ...

JOÃO GOMES MOREIRA:

Doutor em Data Processing, Membro da Academia de Letras de Rondônia.

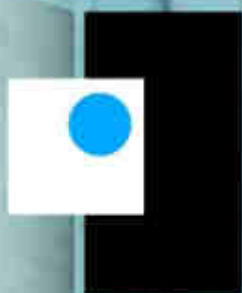
Publicou "Marcador do Tempo" (poemas) em 2007; "Na Baiuca de Longwood" (contos) em 2010; "O Vingador do Sangue" (thriller) em 2016. https://www.clubedeautores.com.br/book/225491--O_VINGADOR_DO_SANGUE#.Wz4ym9VKiM8

¹¹

Supercomputador. Nos sistemas DSM (Distributed Shared Memory), mesmo com a memória sendo distribuída entre os nós, todos os processadores podem acessar todas as memórias. O espaço de endereçamento único, o compartilhamento de dados e o controle de coerência de cache são conseguidos com software.

¹²

<https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%B3rgona>.



TOMO LITERÁRIO

Um blog sobre livros

www.tomoliterario.blogspot.com

Resenhas

Lançamentos

Escritores

Indicações

 @Tomoliterario

 @Tomoliterario

 Tomo Literario

A Nuvem e o Vento

por Roberto Schima

Havia uma nuvem no céu — a Nuvem —, e ela era branca, grande, fofa feito um chumaço de algodão.

Flutuava lentamente, quase imóvel, entre outras tantas nuvens, sobre o fundo azul do céu de verão.

A bem da verdade, era uma Nuvem como outra qualquer, a qual ninguém daria maior importância, exceto, talvez, aquelas pessoas aéreas que, deitadas nos gramados, pensamentos longínquos, buscavam enxergar formas

animais ou outras quaisquer em seus contornos.

Sim, era uma Nuvem qualquer... Exceto, porém, por um pequenino e quase imperceptível detalhe: ela pensava.

Uma Nuvem que pensa?

Sim, ela pensava.

Como alguém em terra poderia saber disso, não é verdade? Como poderiam sequer imaginar?

Os pensamentos dela eram diferentes dos pensamentos humanos. Não tinham uma

lógica, uma linha reta a seguir. Não possuíam um começo, um meio e um fim.

Não eram algo do tipo: "Penso, logo existo."

Eram mais do tipo: "Penso que penso."

Eram pensamentos de Nuvem!

Havia um caos plácido e aéreo nas suas tortas linhas de raciocínio. E a vida daquela Nuvem resumia-se a saborear a brisa, o calor do Sol, o frio das alturas, a paisagem distante e misteriosa mais abaixo. Para ela, era o chão que se movia, e não o contrário.

— Aonde vocês vão? — gritava, inocente, com sua voz de Nuvem para as árvores lá embaixo. — Esperem!

As perspectivas mudavam conforme o observador. Ou, como diria um certo humano avoado sem voar, tudo era relativo.

Ela imaginou se a vida resumir-se-ia nisso: existir, contemplar, flutuar e, por fim, desaparecer.

Tentara em vão comunicar-se com suas semelhantes, porém, ou eram muito orgulhosas, ou não compreendiam bem o seu idioma.

— Tudo bem aí? Viram só aqueles pássaros, que majestosos? O dia está

maravilhoso, não está? Vocês sabem dançar?

Nada.

Seriam nuvens estrangeiras?

Seriam surdas?

Acabou por concluir, com o passar do tempo, ser ela única entre as nuvens. Uma Nuvem que pensava e falava. E, se ela era a única, que vida teria?

E, passado mais e mais tempo, a Nuvem concluiu estar triste por não ter com quem se comunicar. Nesse dia, ficou toda cinzenta e uma suave cortina de lágrimas derramou-se sobre a terra; enchendo o ar de umidade e as plantas, sem a Nuvem saber, de felicidade.

Todavia, eventualmente, tudo desaparecia, nem que fosse por alguns instantes. Até a tristeza.

Então, certo dia, tentando não pensar em sua solidão, admirando a paisagem a desenrolar-se lá embaixo — retalhos de bosques e vacas leiteiras —, surgiu alguém. "Surgir" era mais uma força de expressão. Ela mais sentiu do que viu. Chegou de forma inesperada e atrevida. Assustou-se.

— Quem está aí? — perguntou com sua voz frágil de Nuvem.

Sentiu algo de novo.

Então:

— Ah, você fala! — disse uma voz.

— Quem é você? — disse ela, aturdida, um misto de temor e alegria. — Quem é?

Sentiu-se arrepiar-se toda por dentro. E, estranhamente, como se viesse de dentro de si, ouviu a resposta:

— Eu? Eu sou o Vento...

— Vento... — repetiu ela feito um eco.

E o Vento veio suave, feito uma brisa, porém, sua natureza impetuosa logo o fez tornar-se uma rajada mais forte. E, assim, arrastou a Nuvem para longe de suas companheiras surdas e mudas. E ele prosseguiu, envolvendo-a de todos os lados, por cima, por baixo, através dela.

— Pare com isso! — protestou ela. — Quem você pensa que eu sou?

E tudo o que ela pode ouvir foi o seu riso. Parecia vir de toda parte.

— Do que está rindo?

Era frustrante não poder vê-lo.

E ele respondeu de parte alguma com sua voz de Vento:

— Eu estou rindo porque estou feliz. Não imaginei encontrar alguém como você. Estive em todos os cantos e recantos, através da mata, das frestas das janelas, nas altas montanhas, nos campanários... Nunca tive uma

resposta. Os outros ventos só sabiam uivar e nada mais. Não prestavam atenção em mim. Eu achava que era o único no mundo. Eu, o Vento...

— E eu também! — Ela completou, indiferente ao significado de palavras como "mata", "janelas", "montanhas", "campanários". Haveria tempo para desvendar esses mistérios. — Eu... a Nuvem.

E o Vento envolveu-a em todas as direções, ora delicado, ora insinuante, ora faceiro, ora atrevido.

E conversaram sobre muitas coisas, cada qual contando sobre suas viagens. A Nuvem ficou surpresa por saber que era ela que se movia, e não o chão e, se ela conseguia se mover, era por causa de outros ventos a carregá-la. Achava que fazia isso por conta própria, embora não tivesse domínio sobre onde ou quando ir.

— Você não percebia isso porque os outros ventos são mudos...

— ... mudos como as outras nuvens — completou ela.

E riram juntos.

Então, como não poderia deixar de ser a um espírito leve e livre, a Nuvem apaixonou-se pelo Vento.

Queria estar sempre junto dele, ser tocada por ele. Queria que ele, com sua força, a levasse para conhecer diferentes paragens e paisagens, como aquelas das histórias que ele narrava.

E o Vento falou e falou, contou tudo o quanto sabia ou poderia saber.

Com o passar do tempo, porém, por mais feliz que se sentisse, o Vento deu-se conta de não poder mais viajar aos mesmos lugares que ia antes, nem com a mesma velocidade ou liberdade. E seu espírito, tão frágil e volúvel quanto sua própria composição, não teve coragem de contar isso a Nuvem.

Então, numa certa manhã, com os raios do Sol surgindo no horizonte, o Vento foi embora sem dizer palavra. E isso foi o pior de tudo: devolver com silêncio os doces chamados, transformados em súplicas da Nuvem. Nem um uivo sequer entre as folhagens foi ouvido como resposta, nem um sussurro. Nada.

A Nuvem ficou inconsolável.

— Vento!

Tanto tempo achara ser ela a única, condenada a solidão.

— Vento!

Tanto tempo sua voz soara sem encontrar eco.

— Vento!

Então, quanto encontrara finalmente alguém, nem que fosse alguém invisível, um companheiro, um amigo, alguém a quem se apaixonar, ele partira subitamente sem mais nem menos, ciente da incapacidade dela em segui-lo. Sem uma explicação. Sem uma despedida. Nada.

— Vento! — gritou ela muitas e muitas vezes. — Vento!

De nada adiantou a companhia muda de outras nuvens ou de outros ventos. De tão triste, ela chorou, chorou e chorou. Choveu copiosamente sobre a terra por dias seguidos. Em terra, as pessoas não compreenderam, pois o aguaceiro provinha apenas de nuvem isolada no céu, parada lá, no alto, cada vez menor, menor e menor.

E ela chorava e chorava.

E, ao mesmo tempo, minguava e minguava.

Parecia não haver conforto para a sua tristeza.

— Vento...

A Nuvem foi diminuindo gradualmente, diminuindo, diminuindo... Até desaparecer por completo, toda ela convertida em lágrimas.

Ninguém se deu conta disso.

Nenhum vento soprou.

Nenhuma nuvem lamentou.

A história poderia terminar aí, melancólica, trágica e triste.

Porém, quis o destino — ou uma força maior — ter ela um final mais generoso.

A Nuvem, agora transformada em Água, correu pela terra que, até então, só conhecera a distância. Percorreu valas, canais subterrâneos, córregos e rios. Não havia um minuto de descanso. Mal dava-lhe tempo para pensar, para remoer a sua amargura. Novos e novos cenários surgiam a cada instante. Sua mente, ainda diferente e sem lógica, mente de Água, não conseguia acompanhar.

E ela seguiu as trilhas dos declives até um dia, finalmente, desaguar no Mar.

Sentiu—se estranha.

Dissolvida.

Diluída.

— Olá — ela ouviu a voz.

Era estranha, não parecia vir de um lugar específico, mas de toda parte, até de dentro dela, como o Vento fizera, e, ainda assim, diferente.

— Que-quem é você? — perguntou temerosa.

Houve um instante de silêncio molhado.

Então:

— Eu sou o Oceano.

— Oceano?

— Sim. Eu estou em você. E você está em mim.

— Como é possível?

— O que é impossível?

— Mas eu nunca o ouvi?

— Você estava longe demais no céu. Distante demais para ouvir e ser ouvida.

O Oceano recebeu-a como a uma igual. Agora, ela podia movimentar-se a vontade, por sua vontade, pois fazia parte das correntes marítimas. E era uma só com o Oceano, como jamais fora com qualquer outra nuvem e, sequer, com o ingrato Vento.

A paixão voltou a acender no coração da Nuvem, agora chamada Água. E ela e o Oceano, que já eram um só fisicamente, tornaram-se um também em espírito. Juntos, percorreram todos recantos do mundo como ela jamais sonhara ser possível. E pôde, finalmente, ser feliz.

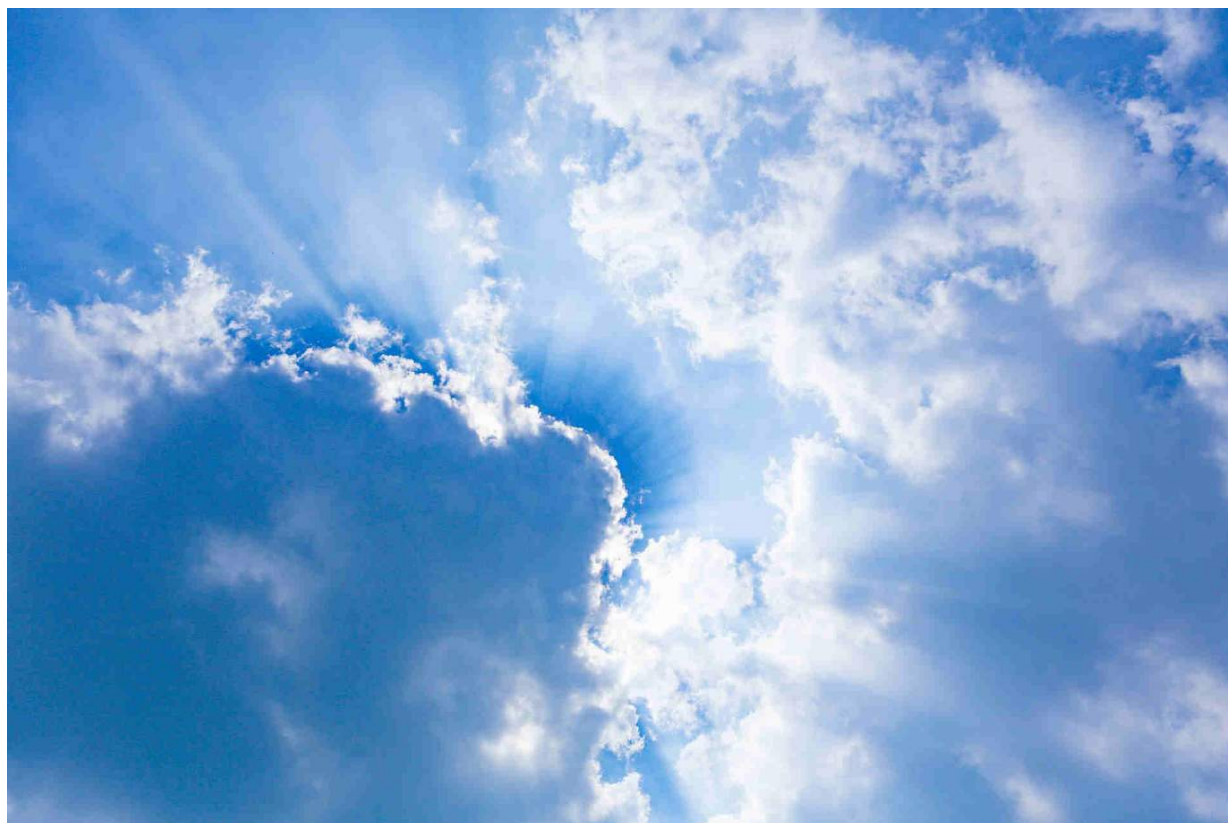
Quanto ao Vento, continuou a percorrer os céus do mundo do modo que queria: livre, sem destino, mas, agora e tardiamente, ele compreendia: só. Para sempre só. Nenhuma outra nuvem representou algo para ele como ela, a Nuvem. Chamou e chamou por ela, todavia, nunca mais obteve resposta.

Seu vôo livre passou a ser acompanhado sempre por um lamento. Seu uivar grassou melancólico por entre os ramos das florestas sombrias e as frestas das janelas nas casas abandonadas, especialmente nas noites frias de outono.

Sempre e sempre procurando sem jamais encontrar.

Pois ele era o Vento, que jamais teria um lugar.

E ela era a Nuvem que encontrara o seu Lar.



Roberto Schima nasceu na cidade de São Paulo/SP em 01/02/1961. É neto de japoneses, por mais que o seu sobrenome pareça alemão. Faz ilustrações, escreve contos e, ocasionalmente, crônicas. Vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela extinta "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio". Escreveu os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "A Voz do Oceano" (noveleta), entre outros. Autor do conto "Abismo do Tempo", um dos vencedores do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista Conexão Literatura e publicado em sua edição nº 37, de Julho de 2018.

Informações: Google e sites do gênero. Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br.



Corpo Seco

por Míriam Santiago

Provavelmente, o personagem mais macabro de todos. O Corpo Seco é uma espécie de assombração. Em vida, era uma pessoa que só fazia maldades, maltratando até a própria mãe. Quando morreu, foi rejeitado tanto por Deus quanto pelo diabo, até a terra onde fora enterrado o rejeitou, assim seu destino foi viver, na medida do possível, como uma alma penada assustando os viajantes na estrada.

O Corpo Seco marca minha homenagem à nossa rica cultura, ao Folclore Brasileiro, comemorado no dia 22 de agosto!

Um homem aparentando uns trinta e poucos anos vindo do nada entra no estabelecimento aos gritos e assustado, branco feito neve e trêmulo, berrando que vira uma

assombração. E logo causa um reboliço no pacato restaurante do senhor Jonas, um homem de meia-idade de família portuguesa que se erradicou brasileira, após estar no Brasil há

mais de 90 anos, idade do patriarcal da família, o avô Antônio Correia dos Santos.

— Meu rapaz, veio correndo com um avental cobrindo a calça tergal cinza escuro e camisa polo branca, marca registrada do senhor Jonas, para socorrer o pobre coitado.

— Me chamo Afonso e estacionei meu caminhão logo ali — aponta o rapaz a um caminhão médio para transporte de cargas pequenas com placas de BH (Belo Horizonte), Minas Gerais.

Jonas o fez sentar e trouxe água para acalmá-lo. O homem já não tremia mais e a cor de seu rosto foi voltando, mas a ânsia em contar o que lhe acontecera era tamanha, e o caminhoneiro fixou os olhos no nada e sua língua começou a desenrolar-se e a falar e falar...

...

Com o caminhão carregado Afonso parte de Belo Horizonte rumo a São Paulo, ele pega a Rodovia Fernão Dias à noite, já acostumado com esta rotina, que para ele, era normal. Tudo estava a contento e dentro da normalidade, e o dia em breve amanheceria.

Afonso vinha em velocidade baixa quando vê um corpo

estirado no que poderíamos chamar de acostamento. O caminhoneiro pisa ríspido no freio entra no acostamento e estaciona o caminhão. Desce correndo da boleia e para sua surpresa, não vê corpo algum. Esfrega os olhos, mas ele não está com sono, pois dormira o dia inteiro para poder dirigir tranquilamente à noite. Anda de um lado a outro, passa por ele outro caminhão que buzina, Afonso acena que está tudo bem, o caminhão prossegue, e Afonso também se vira para prosseguir viagem.

Roda mais alguns quilômetros, quando se assusta novamente ao ver um corpo estirado na estrada. Desta vez, o susto fez seu coração disparar.

— *Novamente não*, pensa bravo o caminhoneiro —, *não vou parar, o que é isso?* — mas quando ele vê no retrovisor o corpo se virar e o homem esticar o braço como se estivesse pedindo socorro, Afonso pisa ríspido novamente no freio e entra no acostamento e volta de ré chegando perto do homem. Estaciona e puxa o freio. Desce com pressa e cadê o corpo?

O medo invadiu Afonso, que sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha de cima a baixo e sentindo algo passar por ele, um

tremor o fez sacudir. Afonso fez o sinal da cruz e trêmulo voltou-se para o veículo. Caminhou forçadamente, pois parecia que algo segurava sua perna. Olhou ao redor e nada viu. Com sacrifício ele conseguiu subir os degraus, abrir a porta do veículo e sentar-se, estava cansado e largou o corpo pesadamente. Com o coração acelerado, bateu a porta e quando tentava colocar o cinto de segurança, olhou no retrovisor... e... pra quê? Viu o que não devia: o corpo novamente vinha se arrastando em direção ao caminhão, um braço levantava em sinal de socorro. O homem era um farrapo humano, agora conseguia ver nitidamente o que era aquilo. Muito magro, quase um esqueleto, vestia uma calça velha preta com rasgos e assim o era a camisa azul listrada, puída de velha. O cabelo empoeirado e desgrenhado e mesmo assim, aquele corpo conseguia arrastar-se e avançava mais e mais.

Afonso tremia e suava a ponto de enfartar. Não conseguia prender o cinto de tanto tremer. Ligou o motor assim mesmo engatou a primeira e foi saindo do acostamento. Os olhos novamente de Afonso não se contiveram, e ao espiar no retrovisor, o corpo agora em pé,

movia-se rapidamente, queria a todo custo alcançar o caminhão. Afonso acelerou e conseguiu ganhar vantagem...

...

— Foi quando vi este restaurante aqui e vim até vocês — explica Afonso.

O senhor Jonas estava boquiaberto quando ele terminou de falar e assim também estavam as outras poucas pessoas, que escutavam calados. Uns achavam que era efeito de algum remédio que ele supostamente estaria tomando para não dormir ao volante e aguardavam uma posição do senhor Jonas sobre o assunto.

— Olha moço que tenho este restaurante há tantos anos e não me lembro de uma história destas, e passam por aqui muitos caminhoneiros e viajantes.

— Não tomei nada, dormi o dia inteiro para poder pegar a estrada à noite. Não bebo e não fumo e tenho uma vida regrada — explicava Afonso, que ficou sem graça ao ver a reação e os olhares das pessoas que ouviram sua história.

— Digo para que você durma aqui esta noite, descanse e tenho até um relaxante se precisar, mas não volte à estrada — aconselha senhor Jonas.

Mas Afonso estava inquieto com o horripilante ser que atormentava sua mente, aquele homem macabro que não saía de seus pensamentos.

Dando-lhe algo para dormir, Jonas o conduziu para um de seus quartos na espécie de pousada que ficava ao lado do restaurante.

No dia seguinte, Afonso parecia tranquilo ao tomar o café da manhã. Jonas ficou feliz em ver o rapaz bem melhor e descansado. Agradecendo por toda hospitalidade Afonso seguiu viagem.

Ao faltar duas horas de seu destino eis que Afonso avista um jovem pedindo carona. Ele diminui a velocidade do caminhão e vem se aproximando do homem bem devagar, pois queria ver o rosto da pessoa. O caminhão se emparelha com o rapaz que acena para Afonso pedindo para que ele parasse. Quando o caminhão já estava quase parando, um estalo da

consciência o fez acelerar e continuar o caminho.

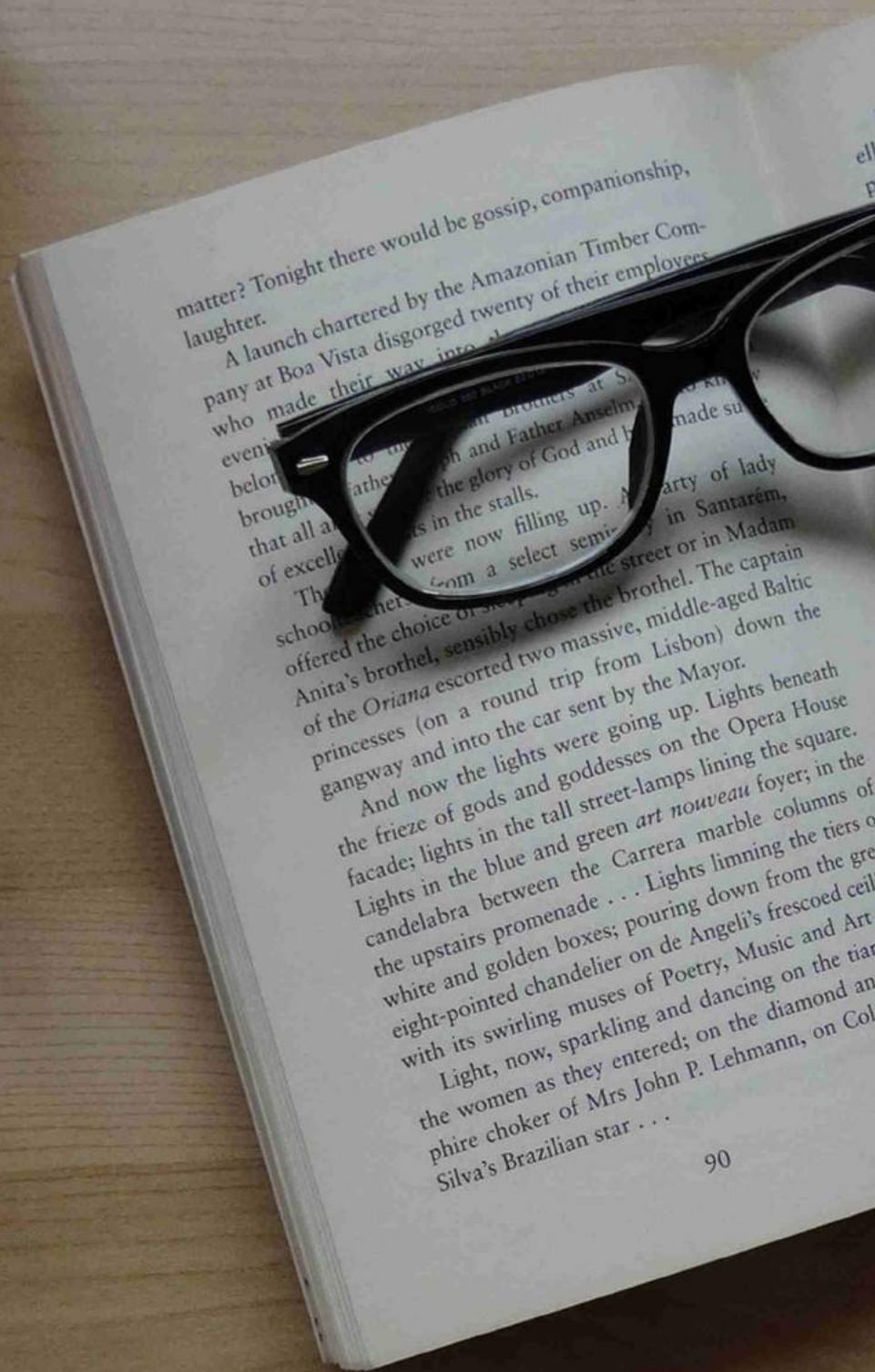
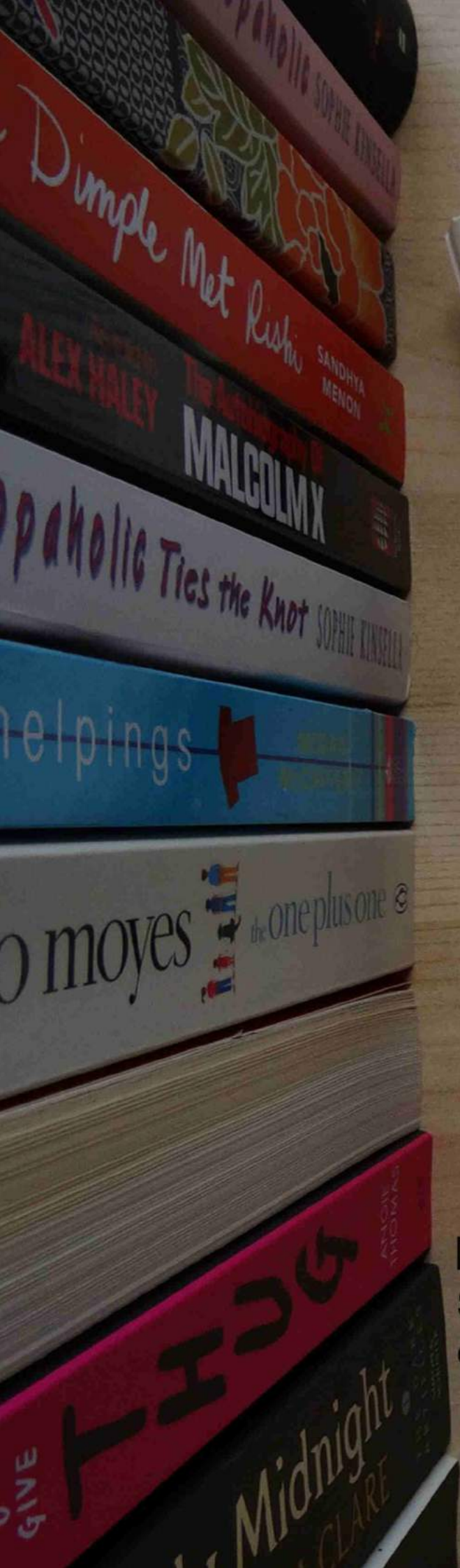
Ao olhar no retrovisor, o homem gesticulava sinais obscenos com os dedos e Afonso riu aliviado. Sentimento que durou poucos segundos, pois ao olhar novamente no retrovisor, lá estava ele, o corpo estirado no acostamento!

Conversando com colegas da empresa onde fazia as entregas ele ficou sabendo mais sobre a história do terrível homem da estrada, que diz respeito ao Limbo, ou seja, no lugar onde estão os que nem foram salvos nem condenados, e assim se acham suspensos entre o Céu e o Inferno!

— *E ainda tenho tantas viagens a fazer na vida* — pensou Afonso!

E novamente a imagem horripilante do corpo na estrada foi ganhando vida nos pensamentos de Afonso, que via nitidamente o corpo estirado no acostamento pedindo ajuda!

Míriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>. Contato: miriansssantos@gmail.com.



matter? Tonight there would be gossip, companionship, laughter.

A launch chartered by the Amazonian Timber Company at Boa Vista disgorged twenty of their employees who made their way into the

evening to the... brothers at S...
belonged to the... and Father Anselm...
brought... the glory of God and b...
that all... were now filling up. A...
of excell... from a select semi-...
The... school... party of lady

offered the choice of sleeping in the street or in Madam Anita's brothel, sensibly chose the massive, middle-aged Baltic princesses (on a round trip from Lisbon) down the gangway and into the car sent by the Mayor.

And now the lights were going up. Lights beneath the frieze of gods and goddesses on the Opera House facade; lights in the tall street-lamps lining the square. Lights in the blue and green *art nouveau* foyers; in the candelabra between the Carrera marble columns of the upstairs promenade... Lights limning the tiers of white and golden boxes; pouring down from the great eight-pointed chandelier on de Angeli's frescoed ceiling with its swirling muses of Poetry, Music and Art.

Light, now, sparkling and dancing on the tiaras of the women as they entered; on the diamond and emerald phire choker of Mrs John P. Lehmann, on Colina Silva's Brazilian star...

NÃO FIQUE DE FORA

Saiba como anunciar ou publicar em nosso site ou próxima edição:

CLIQUE AQUI